

**SÓ DÓI QUANDO EU RIO – UM ESTUDO PSICANALÍTICO
SOBRE O CÔMICO, O CHISTE E O HUMOR**



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-graduação em
Engenharia de Produção

**SÓ DÓI QUANDO EU RIO – UM ESTUDO PSICANALÍTICO
SOBRE O CÔMICO, O CHISTE E O HUMOR**

Beatriz Palhano de Jesus de Vasconcelos

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Engenharia de Produção da
Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em
Engenharia de Produção

Florianópolis
2001

Beatriz Palhano de Jesus de Vasconcelos

**SÓ DÓI QUANDO EU RIO – UM ESTUDO PSICANALÍTICO
SOBRE O CÔMICO, O CHISTE E O HUMOR**

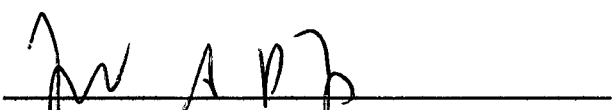
Esta dissertação foi julgada adequada e aprovada para a obtenção do título de **Mestre em Engenharia de Produção** no **Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção** da **Universidade Federal de Santa Catarina**.

Florianópolis, 16 de julho de 2001

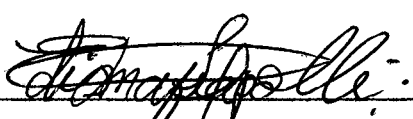


Prof. Ricardo Miranda Barcia, Ph.D.
Coordenador do Curso

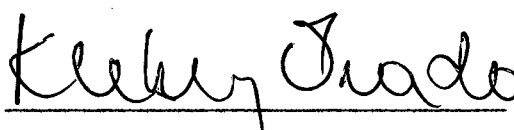
Banca Examinadora:



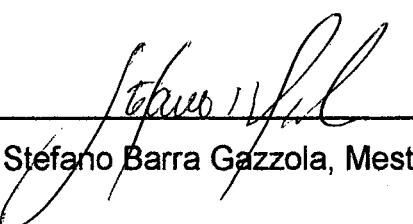
Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr.
Orientador



Prof.^a. Edis Mafra Lapolli, Dra.



Prof. Kleber Prado, Dr.



Prof. Stefano Barra Gazzola, Mestre

A Luiz Fernando, Flávio e Maurício, minha trinca dinâmica,
com amor e principalmente com profundo agradecimento
pelo exercício cotidiano do humor.
A Antônio Celso de Paula Saboia,
tio, padrinho e sobretudo perfeito provedor de livros. Agora,
para sempre...

Agradecimentos

À Universidade Federal de Santa Catarina.

Ao **UNIS**, que intermediou este curso.

Ao **Professor Fialho**, pelo interesse, pela orientação sempre eficaz,
e, sobretudo, pelo humor compartilhado.

A **todos aqueles** que participaram de uma forma ou de outra da
gestação deste texto, dentre os quais, Moniquinha, Eneida e Anita.

“Há uma idade em que se ensina o que se sabe, mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia, Sapientia: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível”.

(Roland Barthes)

Sumário

Lista de Figuras	p.	viii
Resumo	p.	ix
Abstract	p.	x
1 INTRODUÇÃO	p.	01
1.1 Justificativa	p.	01
1.2 Estabelecimento do Problema e Delimitação do Tema	p.	02
1.3 Objetivos.....	p.	04
1.3.1 Objetivo Geral	p.	04
1.3.2 Objetivos Específicos	p.	04
1.4 Metodologia	p.	04
1.5 Limitações	p.	10
1.6 Organização do Estudo	p.	11
2 A CÓLICA DO PRÓXIMO	p.	12
3 O VELHACO HIPÓCRITA	p.	25
4 SÓ DÓI QUANDO EU RIO	p.	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS	p.	63
5.1 Considerações Finais	p.	63
5.2 Recomendações para Trabalhos Futuros	p.	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p.	73
ANEXO	p.	79

Lista de Figuras

Figura 1: Riso e Morte	p.	07
Figura 2: Nó borromeano esquematizado	p.	08
Figura 3: O cômico se constata na imagem do outro	p.	15
Figura 4: O cômico ingênuo: o chiste depende de você	p.	21
Figura 5: Suporta-se com paciência a cólica do próximo	p.	24
Figura 6: Desvio inesperado de sentido: um rápido salto de dentro da linguagem	p.	33
Figura 7: Humor da força, quase que em estado bruto	p.	46
Figura 8: A irreverência do sorriso	p.	47
Figura 9: Um chiste tornando palatável o humor negro	p.	48
Figura 10: Um recurso desesperado	p.	56
Figura 11: Cândida, a otimista ou a certeza absoluta	p.	61
Figura 12: A coragem do humor	p.	71

Resumo

VASCONCELOS, Beatriz Palhano de Jesus de. **Só dói quando eu rio – Um estudo psicanalítico sobre o cômico, o chiste e o humor**. 2001, 78f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

Este trabalho se propõe a estudar o cômico, o chiste e o humor a partir de textos de Freud e Lacan, com apoio adicional de textos literários e lingüísticos. Com este objetivo, já que tais temas aparecem dispersos nas obras dos referidos autores, articulou-se esta dissertação a partir do estudo inédito das relações entre o cômico e o imaginário, o chiste e o simbólico, o humor e o real. Se os fatores que causam o riso são coisas de pouca importância, por outro lado não se pode pensar o mundo sem o prazer do riso. Esta dissertação conclui apostando na via do humor como um dos recursos para o sujeito lidar o melhor possível com a falta que está no centro da causa de desejo.

Palavras-chave: Cômico – Chiste – Humor – Psicanálise – Riso

Abstract

VASCONCELOS, Beatriz Palhano de Jesus de. **Só dói quando eu rio – Um estudo psicanalítico sobre o cômico, o chiste e o humor.** 2001, 78f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

The main aim of this paper is to study the comic, the wit and the humor, starting from Freud's and Lacan's essays or articles, besides using some occasional help of literary and linguistics texts. With this objective, since these topics happen to appear scattered in those author's works, we have tried to study the following innovating connections: comic-imaginary, wit-symbolic and humor-real. If the factors responsible for laughing aren't of great importance, on the other side, we cannot think a world without laughter. This paper, therefore points at and bets in humor as one of the manners for man to deal, in the best way, with the lack resting in very center of desire origin.

Key-words: Comic – Wit – Humor – Psychoanalysis – Laughter

1 INTRODUÇÃO

1.1 Justificativa

Este trabalho se propõe a uma investigação sobre o riso. Ou melhor, sobre os fatores que, do ponto de vista psicanalítico, podem levar ao riso. Riso e psicanálise, riso em psicanálise. Por quê?

Se rir não serve para nada, é coisa e causa pequena e sem utilidade prática, sabe-se que é disso mesmo que a psicanálise se ocupa: dos restos, erros e tropeços mais diversos, mas que instituem a humanidade do homem. E quando se é mais humano do que rindo? Afinal de contas, o homem é um animal que ri. Ri dos outros, ri com os outros, ri de si mesmo. Eis os motivos que aqui levaram à pesquisa do cômico, do chiste e do humor na obra de Freud e nas releituras freudianas propostas por Lacan.

Nessa retomada, a autora verificou quão pouco o tema é abordado em psicanálise, quer na teoria, quer na prática, quer na práxis. Por causa disso propõe neste texto uma articulação pessoal e inédita entre esses fatores de riso. Esta articulação parte da premissa a seguir: enquanto sujeito desejante capturado pela linguagem, o ser humano, segundo a leitura lacaniana, supõe a imbricação, o entrelaçamento de três registros, a saber, real, imaginário e simbólico. Sob essa perspectiva estudou-se o cômico privilegiando o imaginário, o chiste investindo no simbólico e o humor enfrentando o real.

Percebe-se, no texto freudiano, a ênfase na comparação de imagens, própria do cômico. Esta comparação implica em que uma pessoa ria da outra: o que pressupõe uma sensação de superioridade, momentânea que não. Tal fato aponta para uma via imaginária, marcada pela semelhança, pela pacificação do igual e pela derrisão do diferente.

O chiste, modelo do inconsciente, é um jogo desenvolvido, um jogo de linguagem. Por isso mesmo, precisa de um terceiro que o compreenda, senão ele simplesmente não acontece. O chiste apura a linguagem e valoriza essa terceira pessoa, sem, no entanto, criar compromisso com ela.

É esse investimento no simbólico, esse aprimorar a língua, driblando-a, esse denunciar no senso o não senso, que caracteriza o processo chistoso.

Quanto ao humor, sua marca é o deslocamento de afeto. A palavra afeto no contexto freudiano não tem o sentido de algo suave ou gentil; não há nada de afetuoso nela. Ela significa antes, ser afetado, estar afetado por alguma coisa, isto é, por uma idéia intolerável.

Se o cômico não suporta estar afetado, se o chiste mascara este afeto, o humor o enfrenta e o capitaliza. Desafia a dor, o trauma, o não dizível – o real em suma – e produz o riso, ou melhor, o sorriso, pois o humor não é gargalhante. Sorriso, só o riso, o riso só, que compartilha a miséria, os erros, o estranho que habita o sujeito. Não será o humor o riso diante do que não pode ser articulado em palavras? Paradoxalmente, essa seria a sua grandeza: ele opera no limite do inapreensível, face ao não sentido do real.

Fugir (cômico), escamotear (chiste), desafiar (humor): possibilidade pequena de alegria que humaniza o sujeito e o torna menos desesperançado. Isto porque, apesar do ditado muito riso, pouco siso, há sabedoria no riso. Talvez a sabedoria advinda dessa mesma falta de siso, de juízo. Dessa mesma falta, que a psicanálise reputa estruturante. E é exatamente disso que este trabalho se propõe a falar.

1.2 Estabelecimento do Problema e Delimitação do Tema

A psicanálise fala do ser humano indefeso, nas mãos do Outro. É no olhar do Outro que procura o ponto onde se acredita mais amável e mais amado. Mas, nesse olhar, há um ponto inapreensível, inassimilável. Afetado por essa perda do que nunca teve, o sujeito deseja: desejo impossível, irrealizável, indestrutível. Deseja também a felicidade, busca também o prazer por várias vias. Uma delas vai ser objeto deste estudo: a produção do riso, ou seja, o cômico, o chiste e o humor.

No presente trabalho, enfatizou-se a importância do humor, articulado à arte em geral e à literatura em particular, como um dos mais altos processos defensivos. É importante assinalar que a psicanálise não trabalha com o conceito de doença, mas sim com o conceito de defesa. Defesa que diz respeito ao modo pelo qual o sujeito se estrutura para sobreviver a uma "idéia intolerável". Vale aqui observar que o conceito de "idéia intolerável" e de "trauma" no texto freudiano corresponde ao conceito de real em Lacan.

Freud (1927, p.190-91) afirma que:

"Já é hora de nos familiarizarmos com algumas características do humor. Como os chistes e o cômico, o humor tem algo de liberador a seu respeito, mas possui também qualquer coisa de grandeza e elevação, que faltam às outras duas maneiras de obter prazer da atividade intelectual. Essa grandeza reside claramente no triunfo do narcisismo, na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego. O ego se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade, a permitir que seja compelido a sofrer. Insiste em que não pode ser afetado pelos traumas do mundo externo; demonstra, na verdade, que esses traumas para ele não passam de ocasiões para obter prazer. Esse último aspecto constitui um elemento inteiramente essencial do humor. (...) O humor não é resignado, mas rebelde. Significa não apenas o triunfo do ego, mas também o do princípio do prazer, que pode aqui afirmar-se contra a crueldade das circunstâncias reais".

Se, como diz Jean Rostand (obra não localizada), "a ciência fez de nós deuses antes mesmo de merecermos ser homens", o humor restaura a humanidade.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Fornecer alguns substratos para pensar a produção do prazer relacionado ao riso, a partir de textos de Freud e Lacan, é o objetivo geral deste trabalho.

1.3.2 Objetivos específicos

- Relacionar riso e psicanálise;
- Articular a predominância do registro do imaginário na gênese do cômico;
- Destacar no chiste a predominância do simbólico;
- Enfatizar a proposta lacaniana do chiste como modelo do Inconsciente;
- Formalizar o humor como desafio ao Real;
- Apresentar o humor como uma das formas de viver melhor, e por isso mesmo, mais produtivamente, na cultura em cujo tempo e espaço o sujeito está inserido.

1.4 Metodologia

“Uma criança de Nova Iorque escreveu perguntando se os cientistas rezavam e, se rezavam, o que pediam. Einstein respondeu: “(...) A pesquisa científica é baseada na idéia de que tudo o que acontece é determinado por leis da natureza e, portanto, isso também se aplica aos atos das pessoas. Por essa razão, um cientista dificilmente tenderá a pensar que os acontecimentos possam ser influenciados por uma oração, ou

seja, por um desejo expresso a um ser sobrenatural. Entretanto, deve-se admitir que nosso conhecimento presente dessas leis é imperfeito e fragmentado, de modo que, na verdade, a crença na existência de leis universais e básicas da natureza também repousa sobre uma espécie de fé. Mesmo assim, essa fé tem sido amplamente justificada, até agora, pelo sucesso da pesquisa científica. (...) A atividade científica leva a um sentimento religioso de um tipo especial, que é, na verdade, bem diferente da religiosidade de alguém mais cândido” (O Globo, 2000, p.1).

O presente trabalho adota a pesquisa bibliográfica de textos psicanalíticos, literários, lingüísticos e outros que se fizerem necessários.

Contudo, antes que se chegasse a esta decisão foi necessário todo um processo de estudo, a fim de determinar o formato que melhor servisse aos propósitos do texto que se pretendia construir. Isto se deve ao lugar peculiar que a Psicanálise ocupa dentro do campo das ciências humanas, como bem observa Octave Mannoni.

“A questão mais importante em psicanálise é a da relação da teoria com a prática, pelo fato de a prática só encontrar o seu sentido na teoria e de a teoria só encontrar a sua verdade na prática. Assim, cada uma das duas está ordenada em função da outra, e nenhuma das duas, se for isolada da outra, está certa de sua validade. Uma constatação correta pode não ter sentido, e uma consequência lógica pode não se aplicar a nada. Nenhuma das duas pode progredir sozinha, falta-lhe o socorro da outra. É uma banalidade, mas importante” (Mannoni, 1992, p.127).

É nesse sentido que Lacan afirma que a Psicanálise é ética e não ôntica – ela não busca um modelo de “ser”, o que sob a ótica psicanalítica, seria um ideal impossível. Ela não visa a modelo algum, não é pedagógica. Isto implica na questão da obrigação de ser feliz, que parece fazer parte da ideologia dos dias de hoje. E isso é terrivelmente estressante, para usar uma terminologia em voga. O que não se percebe, é que ser feliz não é um

dever, e sim um direito do ser humano. E isso faz diferença. Na sua época, Freud já alegava que:

“A felicidade, no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia libidinal do sujeito. Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo o homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo” (Freud, 1920, p.103).

Por causa disso, passou-se pela análise dos métodos qualitativos, devido a necessidades inerentes ao estudo psicanalítico, conforme visto acima.

A pesquisa qualitativa busca uma compreensão particular daquilo que estuda, não se preocupando com generalizações, princípios e leis. O foco da sua atenção é centralizado no específico, buscando mais a explicação dos fenômenos estudados.

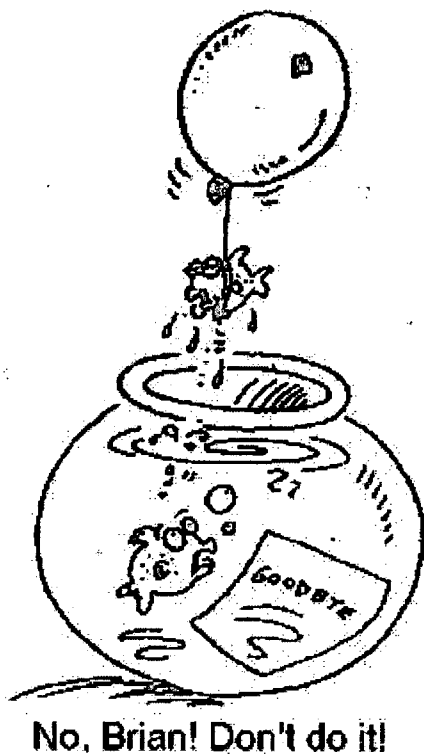
Do ponto de vista epistemológico, nenhuma das duas abordagens (qualitativa e quantitativa) é mais científica do que a outra. Uma pesquisa, por ser quantitativa, não se torna "objetiva" e "melhor" mesmo que se prenda à manipulação sofisticada de instrumentos de análise, caso deforme ou desconheça aspectos importantes dos fenômenos ou processos estudados. Da mesma forma que, sendo qualitativa, não guarda todas as respostas necessárias à compreensão do tema estudado, não garantindo a compreensão em profundidade. Logo, em verdade, a identificação do método escolhido neste momento presta-se apenas para informar ao leitor a maneira pela qual se pretende demonstrar as idéias do texto, não cabendo aqui uma discussão acerca do fato de que o estudo seria mais bem realizado caso estivesse embasado por uma outra metodologia, o que não seria compatível com a postura psicanalítica.

Esclarecidos os pontos que justificam a escolha do método, faz-se ainda necessária a explanação da forma como este se constituiu durante toda a construção literária ora iniciada. A base, conforme já anunciado, é formada, principalmente, por textos psicanalíticos, literários e lingüísticos que tematizam e/ou dão subsídios para o estudo de temas ligados ao riso e a seus causadores ou produtores. Neste sentido, vale destacar a análise

sobre o riso realizada em textos de Freud, um aspecto pouco explorado até então por outros autores ao estudarem sua obra. Parece difícil reconhecer que rir é coisa séria , tão difícil quanto se respeitar uma pessoa alegre. Parece que na nossa cultura se leva a seriedade muito a sério...

"Gostaria de fazer hoje algo de semelhante – mas talvez mais difícil –, ao falar do riso, porque tive um paciente que riu a bandeiras despregadas no instante em que o fiz tomar consciência de um desejo de morte. Não explorei o caso por razões de discrição. Acreditava ele, e fizera crer a seus analistas precedentes, que sofria de pulsões homossexuais. Mas, na realidade, era um obsessivo. Não falarei mais desse caso, destacando apenas que a descoberta de um desejo de morte pode fazer rir" (Mannoni, 1992, p.129).

Figura 1: Riso e Morte



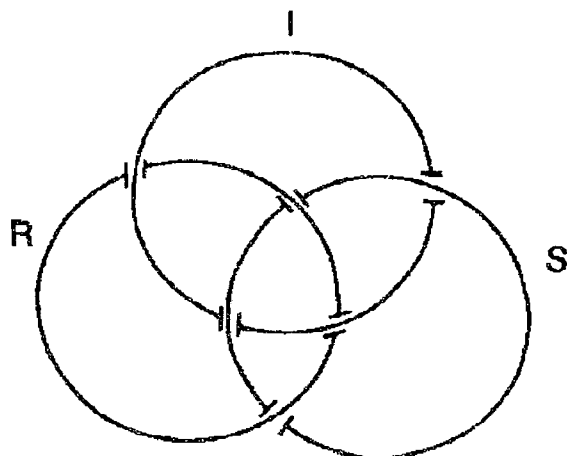
Aliás, o cômico, o chiste e o humor, em si, são aspectos pouco explorados em psicanálise, razão que justifica e concede importância ao estudo ora proposto.

Cada capítulo analisa uma forma de produzir o riso que enfatiza um determinado registro, conforme a estrutura preconizada por Lacan como base para constituição do sujeito, a saber: imaginário, simbólico e real. A explicação desses conceitos, já mencionados anteriormente, será ampliada no decorrer dos capítulos dessa dissertação.

Vale lembrar que sempre se deve ter em mente que tais registros são imbricados e que não existe sujeito sem o entrelaçamento de um deles, conforme o mesmo Lacan vai estruturar com a imagem do nó borromeano. O nó borromeano é um tipo de nó tríplice constituído de tal maneira que ao se tentar retirar qualquer um dos nós que o compõe, ele se desestrutura totalmente.

“O nó borromeano tem a característica de que nenhum elemento ou anel mantém com o outro uma relação de cadeia, uma relação complementar. Nenhuma consistência passa pelo buraco da outra. O nó borromeano se constitui superpondo-se um a outro, e então, enlaçamos um terceiro que passa por cima do que está em cima e por baixo do que está em baixo:

Figura 2: Nó Borromeano esquematizado



Esta maneira particular de amarração faz com que se desfaça, caso se corte qualquer um dos anéis. O três é o fundante. A partir daí, é possível um nó de quatro, ou mais. Amarrar os três registros borromeamente marca um momento importante no ensino de Lacan, porque os torna equivalentes, não há supremacia de um sobre o outro” (Mariscal e Becker, 1997, p.44).

Por tudo isso, as especificidades da análise qualitativa, que considera que há um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números, parece sinalizar ser ela a que mais se adequaria a uma dissertação de enfoque psicanalítico.

Acresça-se que o trabalho em questão caracteriza-se também como teórico-explicativo (Richardson, et al). Sua metodologia de trabalho, utilizando-se a tipologia de Lakatos e Marconi (1994), envolve os seguintes itens:

- A técnica de coleta de dados; de documentação indireta; de base bibliográfica de documentação direta, com observação extensiva através da técnica de História de Vida Profissional, envolvendo especialistas na área pela autoridade no assunto.
- método de procedimento no estudo é funcionalista, por tratar de técnicas e filosofias, respeitando a cultura local.

Volta-se aqui, novamente, para finalizar esta parte referente à metodologia, às palavras sempre atuais de Einstein:

“Um professor de 5ª. série de uma escola americana descobriu que seus alunos ficavam chocados ao aprender que os seres humanos são classificados no reino animal. Ele sugeriu que eles escrevessem para cientistas e pedissem a opinião deles sobre isto. Einstein respondeu: “Nós não devemos perguntar ‘O que é um animal?’, mas ‘Que tipo de coisa chamamos de animal?’ Bem, chamamos de animal quando essa coisa tem certas características: alimenta-se, descende de pais semelhantes a ela, cresce, movimenta-se sozinha e morre. É por isso que

chamamos a minhoca, a galinha, o cachorro, e o macaco de animais. E nós, humanos? Pensem nisso da maneira que eu mencionei anteriormente e decidam por vocês mesmos se é uma coisa certa nós nos considerarmos animais” (O Globo, 2000, p.1).

1.5 Limitações

Um trabalho psicanalítico, a priori, já implica em dificuldades inerentes à própria perspectiva da Psicanálise, pois, ao mesmo tempo em que não há receitas e que não se pode enquadrá-la em esquemas bem ordenados, é próprio dela um extremo rigor. Isto configura o que se pode considerar o seu ponto crucial, seu tema recorrente: o paradoxo. Acresça-se a isso o fato de a autora supor-se um sujeito barrado, com limites, percebidos ou não, que se refletem neste trabalho. Dentre os primeiros, pode-se destacar a não articulação da ironia com os produtores de riso aqui estudados, ficando este tema reservado para trabalhos futuros. As questões clínicas, por sua vez, foram pouco desenvolvidas, devido a precauções impostas pelo sigilo, necessárias numa cidade de porte médio como Varginha. Isto sempre é um problema a ser contornado, já que, em psicanálise, prática e teoria estão constantemente interagindo. Last, but not least, o reconhecimento que a autora tem do risco que corre de ter produzido um texto enfadonho e mal humorado versando sobre...o humor. De qualquer maneira, recorra-se, à guisa de consolo e desculpa, à filosófica frase do pescador Luiz Cuiúba, dileto amigo de João Ubaldo Ribeiro: “Pior seria se pior fosse”.

1.6 Organização do Estudo

O presente estudo está organizado em cinco seções ou capítulos.

O capítulo 1 apresenta a situação-problema e justifica de forma resumida a importância do estudo, definindo objetivos e questões a investigar.

O capítulo 2 adota a perspectiva de estudar a produção do Cômico e do riso dele advindo, como predominantemente articulada ao Imaginário.

O capítulo 3 fala do Chiste, de seu investimento no Simbólico, e comenta a opção lacaniana de considerá-lo modelo do Inconsciente.

O capítulo 4 discute a questão do humor, um dom raro e precioso no dizer de Freud (1927) e objetiva poder ser este mesmo humor um dos recursos, equiparado em dignidade à arte, que permite a defesa contra o desconforto inerente à vida humana, ao mal-estar na civilização.

O capítulo 5 contém as análises finais acerca dos temas aqui propostos, enfatizando sua articulação igualmente borromeana, isomórfica à constituição do sujeito. Ou seja, nos três temas estudados (Cômico, Chiste e Humor) existe a tríplice articulação proposta por Lacan (1974), a partir da qual o sujeito também se estrutura: Imaginário, Real e Simbólico.

Em suma, ao fim e ao cabo, talvez o homem também se caracterize por ser um animal que possa rir o bom riso: o riso da falta. Tal fato vai permitir estabelecer algumas propostas para estudos ulteriores.

2 A CÓLICA DO PRÓXIMO

"Jorge temia o segundo livro de Aristóteles porque este talvez ensinasse realmente a deformar o rosto de toda verdade, a fim de que não nos tornássemos escravos de nossos fantasmas. Talvez a tarefa de quem ama os homens seja fazer rir da verdade, fazer rir a verdade, porque a única verdade é aprendermos a nos libertar da paixão insana pela verdade" (Eco, 1983, p.552).

O riso ameaça, é irreverente, iconoclasta e desafiador. Talvez por isso mesmo seja tão difícil levá-lo a sério, admitir o que ele denuncia: que o homem é um ser da fala e da falha: humanidade barrada e alijada de qualquer possibilidade de completude.

Freud amplia o âmbito dessa questão, ao se referir, no livro dos chistes, ao que denomina chistes tendenciosos: "O que estes chistes sussurram pode ser dito em voz alta: que as vontades e desejos dos homens têm o direito de se tornarem aceitáveis ao lado de uma moralidade severa e cruel" (Freud, 1905, p.130).

Aqui surge uma questão: se o riso é libertador, por que todas as formas de tirania proporcionam pão e circo às massas? Qual então a razão da existência do ditado "muito riso, pouco siso"? Há então, também, um riso que não ameaça, que mascara e ilude...

"Segundo Bergson, o riso ocorre quase com a precisão de uma lei da natureza: ele acontece sempre que há uma causa para isso. O erro de tal afirmação é bem evidente: pode-se dar a causa do riso, porém é possível existirem pessoas que não riem e que é impossível fazer rir. A dificuldade está no fato de que o nexos entre o objeto cômico e a pessoa que ri não é obrigatório nem natural. Lá onde um ri, outro não ri" (Propp, 1992, p.31).

O terreno do cômico é, pois, da ordem do humano e do cultural. Freud nos aponta que o homem nasce imaturo e indefeso, nas mãos do outro. É preciso que o grito do bebê chame a atenção de um ser humano experiente o qual, atraído e traído pela lembrança do seu próprio desamparo, dê um

sentido a este grito e promova a ação específica, ou seja, a ação própria da espécie humana. E cuide do bebê, pacificando-lhe a urgência. É, pois, a partir da troca com o outro, que o homem se torna um ser desejante, buscando recuperar uma completude virtual que nunca possuiu. O desejo humano, na verdade, é desejo de desejo.

Para Lacan (1986, p.197) “É num movimento de balança, de troca com o outro que o homem se apreende como corpo, forma vazia do corpo”.

Com o modelo do estágio do espelho, formaliza ele que a visão de completude é um reflexo do olhar do outro. Chega-se assim ao conceito lacaniano de imaginário, em seus dois sentidos mais pontuais: imaginário se refere em primeiro lugar à imagem basicamente inconsciente que se tem de si mesmo; em segundo lugar ao engano que essa imagem possa trazer, apengado que certamente vai causar, nortando assim toda a vida do ser humano porque vai dizer também respeito à construção do eu do sujeito. Ou, *latu sensu*, ao seu sintoma. Há subsidiariamente, portanto, uma imbricação destas duas acepções:

“Imaginária reenvia aqui – primeiramente, à relação do sujeito com as suas identificações formadoras, é o sentido pleno do termo imagem em análise – em segundo lugar, à relação do sujeito ao real, cuja característica é ser ilusória, é a face da função imaginária mais freqüentemente valorizada” (Lacan 1986, p.138).

Um bebê que do colo da mãe, se olha, pela primeira vez, no espelho. Uma cena de que a maioria dos seres humanos, de um modo ou de outro, provavelmente já participou e dela se lembra muito bem: é indescritível o olhar de orgulho da mãe para o bebê e o olhar triunfante do bebê para sua própria imagem. A esse respeito, comenta Clement (1983, p.66):

“O estágio do espelho é um drama cujo impulso interno se precipita da insuficiência para a antecipação – e que, para o sujeito, preso no engodo da identificação espacial, fabrica os fantasmas que se sucedem, indo de uma imagem fragmentada do corpo a uma forma que chamaremos ortopédica em sua totalidade – e à armadura de uma identidade alienante, que

marcará, com sua estrutura rígida, todo o seu desenvolvimento mental”.

Essa construção laciana aponta para o engodo fundamental que captura o ser humano: a criança se vê no espelho madura, completa, inteira, antes de jamais o ser. É o olhar do outro, da mãe, que lhe fornece essa ilusão de imagem, essa forma ortopédica, essa armadura suposta que ela procurará a vida inteira sustentar e que é decorrente do que se denomina “ideal do eu”. Portanto, nessa antecipação da própria figura adulta, o pequeno homem se estrutura a partir da imagem que ele não é (antecipação que se coloca a partir de em depois ...). E a criança ri de triunfo ante essa miragem organizadora. Nenhuma mãe se esquece desse riso, que acompanha a alienação primeira na imagem do outro. Afinal de contas, o que o sujeito busca é dar conta do Real.

Talvez aqui se torne necessária a inserção de um comentário importante para a práxis psicanalítica: o corpo vem do real, é estranho, estrangeiro mesmo ao seu “dono”. Só para exemplificar, quantas vezes, quando um médico mostra uma doença diagnosticada através de uma radiografia, por exemplo, pensa-se inevitavelmente: “mas eu não queria isso, eu não queria esse corpo que dói tanto, eu não pedi isso ...”. É freqüente também se observar a insatisfação com o próprio corpo: “eu queria ser mais alto(a), eu queria ser mais longilíneo(a), eu queria ter cabelos lisos, eu queria ter olhos azuis, etc, etc”. O estranhamento com relação ao próprio corpo é uma constante que hoje em dia é respaldada pelo exagero de cirurgias plásticas, muitas vezes desnecessárias, que andam sendo feitas.

Retomando o desenvolvimento da questão, após esta longa digressão, percebe-se que esse riso alientante é também próprio da situação cômica. O cômico pressupõe duas pessoas, “a primeira que constata o cômico e a segunda em que se constata”, diz Freud (1905, p.207). O cômico, pois, se constata na imagem do outro, e, como tal, é predominantemente imaginário.

Figura 3: O cômico se constata na imagem do outro.



Fonte: martas@domain.com.br 13/05/01

Bergson (1987) chama a atenção para o contágio desse riso constatado: é sempre o riso de um grupo:

“Não desfrutaríamos do cômico se nos sentíssemos isolados. O riso parece precisar de eco. Ouçamo-lo bem: não se trata de um som articulado, nítido, acabado; mas alguma coisa que se prolongasse repercutindo aqui e ali, algo começando por um estalo para continuar ribombando, como o trovão nas montanhas. E, no entanto, essa repercussão não deve seguir ao infinito. Pode caminhar no interior de um círculo tão amplo quanto se queira, mas, ainda assim, sempre fechado. O nosso riso é sempre o riso de um grupo” (Bergson, 1987, p.13).

Quanto mais cheio está o circo, mais se ri do palhaço, tal como alguém a quem se perguntou porque não chorava ao ouvir uma prédica que a todos fazia derramar lágrimas, respondeu: “não sou da paróquia” (Bergson, 1987). Com a mesma lógica pode-se aplicar ao riso o que esse homem dizia do choro.

Além do mais, é interessante observar a afirmação bergsoniana de que o riso precisa de eco. É tentadora aqui a associação livre: sabe-se que a ninfa Eco acompanhava Narciso, condenada por sua paixão a repetir apenas o final da fala do amado. Narciso (que se apaixona pela própria imagem e, ao perdê-la, morre); Eco, sua fiel seguidora. Assim, os elementos do

primitivo mito do narcisismo também se associam para dizer do imaginário conceituado por Lacan. Eis aqui a função básica do riso produzido pelo cômico – quem ri do outro funciona apenas como uma caixa de ressonância de uma imagem, sinestésias à parte...

Como se disse, na situação cômica, não importa quantos riam; há apenas dois lugares, duas funções: rir e ser objeto de riso.

Aos “mais iguais”, o prazer: eles são da paróquia ...

Aos palhaços, mímicos, loucos, poetas, aos desviantes e “menos iguais”, a aflição, o desconforto, a vergonha. O não-lugar em que essas figuras operam é paradoxalmente a sua marca enquanto sujeito. Aqui se percebe, mais uma vez, a psicanálise se havendo com sua questão inevitável e recorrente, a saber, o paradoxo.

O trajeto da psicanálise e deste texto, via humor, bem como o trajeto da arte apontam e caminham para reconhecer esta diferença que diz respeito à falta a ser do humano, falta essa que se encarada de frente, pode paralisar e deprimir, mas também, paradoxalmente, pode produzir criação.

A este respeito cumpre mencionar a opinião de Bakhtin em relação à função estrutural das figuras do trapaceiro, dos bufões e dos bobos da corte: (1998, p.276):

“Uma particularidade e um direito são característicos delas: são estrangeiras nesse mundo, elas não se solidarizam com nenhuma situação de vida existente nele, elas vêem o avesso e o falso de cada situação. Por isso podem utilizar qualquer situação da vida somente como máscaras. O trapaceiro ainda tem uns fios que o ligam à realidade; o bufão e o bobo “não são deste mundo” e por isso tem direitos e privilégios especiais. Estas figuras que riem, elas mesmas são também objeto de riso. Seu riso assume o caráter público da praça do povo. Elas restabelecem o aspecto público da representação, pois toda a existência destas figuras enquanto tais, está totalmente exteriorizada, elas, por assim dizer, levam tudo para a praça, toda a sua função consiste nisso, viver no lado exterior (é verdade que não é a sua própria existência, mas o reflexo da

existência de um outro; porém elas não têm outra). Com isso cria-se um modo particular de exteriorização do homem por meio do riso paródico”.

Os “diferentes” da pós-modernidade podem mudar de invólucro, mas não de estrutura. É o caso, por exemplo, das incontáveis piadas sobre louras que circulam abundantemente via Internet. A quantidade dessas anedotas, que evidencia o preconceito na associação cabelos louros/burrice extrema, é provavelmente exacerbada pela enxurrada dessas mulheres louras, artificiais ou não, sempre muito malhadas; mulheres de visual muito chamativo (Olha o Imaginário aí, gente!) e pouco, digamos, conteúdo, que aparecem e assolam constantemente a mídia. Eis aqui uma dessas anedotas (ffialho@eps.ufsc.br, 2001):

“Uma loira ouviu dizer que o máximo da diversão é pescar no gelo. Ela compra todos os livros a respeito, vai para Nova Iorque, compra o equipamento necessário e escolhe um bom lugar para começar a pescaria.

Depois de se instalar, ela começa a fazer um buraco no gelo. De repente uma voz vinda do céu avisa: “NÃO HÁ PEIXES DEBAIXO DO GELO”.

Atônita, a loira se desloca para o lado e começa a fazer outro buraco. Outra vez uma voz vinda do céu avisa: “NÃO HÁ PEIXES DEBAIXO DO GELO”.

Preocupada, a loira se levanta, vai para o lado oposto, e começa a fazer outro buraco. E, mais uma vez, uma voz vinda do céu avisa: “NÃO HÁ PEIXES DEBAIXO DO GELO”.

Ela pára, olha para o céu e diz: – É o senhor, meu Deus?

A voz responde: – Não é o gerente do rink de patinação”.

Aqui vale uma observação: a questão da loura retoma, via internet, e mais pós-moderno que isso é impossível, o tema da mulher. Tema este recorrente e fundamental na psicanálise, tanto da perspectiva dos analistas, quanto da perspectiva dos analisandos: o que é uma mulher? O que ela quer? Como goza ela? É uma busca contínua, inconsciente e incessante, do nascimento à morte do sujeito, porque a mulher não se inscreve totalmente

dentro da cadeia significativa¹. Reforce-se a incidência deste tema com nova colaboração de Fialho (ffialho@eps.ufsc.br, 2001):

“CURSO FEMININO DE REABILITAÇÃO CEREBRAL.

Pré-Requisito: Existência de tutor do sexo masculino para acompanhamento em regime domiciliar, sem o qual o curso perde sua eficácia.

Objetivos: Iniciar as mulheres nessa experiência tão excitante, que é o uso do cérebro.

Carga Horária Variável:

Morenas: 30 dias por módulo

Ruivas: 60 dias por módulo

Loiras: Vitalício

MÓDULO 1 - USANDO O CÉREBRO - ESSE DESCONHECIDO

- a. O neurônio e a depressão da existência solitária
- b. Você pode fazer compras em menos de 4 horas: noções básicas
- c. Já está pronta? - definição da palavra " sim"
- d. Estabelecendo limites – o uso da maquiagem e ...
Programação Básica – você e o forno de microondas
- e. Programação Avançada – você e o videocassete (só para morenas e ruivas)

MÓDULO 2 - DIRIGINDO

- a. Mudança de marcha – o guia completo e definitivo
- b. Tudo o que você queria saber sobre esquerda e direita e tinha medo de perguntar
- c. Freio e Acelerador – um desafio a ser vencido
- d. Uso da seta antes de virar – aprendendo através de exemplos
- e. Jogo das cores – conhecendo o sinal. Você e o poste – como evitá-lo.

¹ Os significantes combinam-se por leis combinatórias que não são casuais. No caso da linguagem, por exemplo, tais leis constituem a gramática “um significante remete sempre a outro significante. Trata-se de uma cadeia articulada. Um significante representa algo para outro significante e assim por diante. Ele sempre pode ser substituído, riscado, anulado, destituído de sua função. Ou seja, poderia não estar presente, aparece como presente por contraste com uma possível ausência” mpjv@yahoo.com.

- f. Geometria – Descritiva Avançada – colocando um Uno na garagem
- h. O pedal da embreagem não é descanso de pé – em duas lições
- i. O espelho e suas outras utilidades além da maquiagem

MÓDULO 3 – VIDA A DOIS

- a. TPM (Tensão Pré-Menstrual) – o problema é seu e não meu
- b. Campeonato Brasileiro de Futebol – não é um jogo. É Sagrado
- c. Como ganhar seu próprio dinheiro – uma visão geral
- d. Porque sua mãe não é bem-vinda – 100 exemplos comentados
- e. Aqui se faz, aqui se paga – o uso correto do Cartão de Crédito
- f. Tudo na vida tem limites, até o cheque especial – como não passar dele.
- g. Você não deve dizer "sim" a tudo que ele pede: Diga "sim senhor". Treinamento prático

MÓDULO 4 - TÓPICOS AVANÇADOS

- a. O fenômeno do tempo – o jantar na hora do jantar
- b. Uso do telefone – alternativas inovadoras para solucionar o problema
- c. Retocando a maquiagem enquanto dirige – uma questão de "timing"
- d. Largando o vício das novelas – o processo de desintoxicação cerebral
- e. Não faça como as outras pessoas: Acredite que você é capaz.
- f. Interface paralela: o desafio das atividades simultâneas – respirar e raciocinar simultaneamente.

MÓDULO 5 - MUNDO DA INFORMÁTICA

- a. Computador X Geladeira – assinalando as diferenças
- b. Teclado – usando corretamente as letrinhas
- c. Mouse – como dominar esse pedzinho
- d. CPU X Monitor – descobrindo quem é quem
- e. A diferença entre "on" e "off"
- f. A mensagem "O himen está testando a memória estendida ..." não se refere a você".

De qualquer modo, retomando a questão mencionada na página 17, mesmo quando o cômico é produzido deliberadamente, como no caso dos bobos da corte e dos palhaços, o diferente aí está implícito. Há sempre a suposição de imitação de alguém que é ridículo.

Pode-se então inferir, a partir das observações de Freud, (1905, p.245-46), que a gênese do cômico tem por base a comparação, uma comparação acrescenta-se aqui, de cunho predominantemente imaginário:

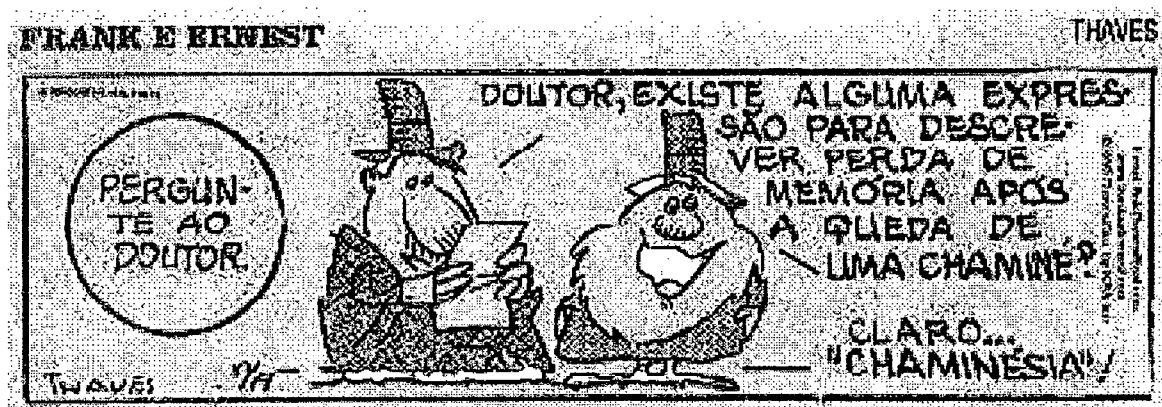
“Toda teoria do cômico sofre objeção por parte de seus críticos quanto ao escopo dela; sua definição desconsidera o que é essencial ao cômico: ‘O cômico baseia-se no contraste entre as idéias’. ‘Sim, na medida em que este contraste produza um efeito cômico, e não de outra qualquer natureza’. ‘O sentimento do cômico origina-se do desapontamento de uma expectativa’. ‘Sim, a não ser que o desapontamento seja de fato doloroso’. Sem dúvida, as objeções são justificáveis, mas deveremos superestimá-las apenas se concluirmos que o traço essencial do cômico escapou até aqui à detecção. O que prejudica a validade universal dessas definições são as condições indispensáveis para a geração do prazer cômico; mas não necessitamos pesquisar nelas a essência do cômico. De qualquer modo, só será fácil descartarmos as objeções e esclarecermos as contradições nas definições desde que suponhamos que a origem do prazer cômico está na comparação da diferença entre duas despesas. O prazer cômico e o efeito pelo qual é conhecido – o riso – só se manifesta se essa diferença não é utilizável e, pois, capaz de descarga. Não obtemos qualquer efeito gratificante, mas no máximo um transitório sentimento de prazer no qual não emerge a característica do cômico, se a diferença é transferida para outro uso, tão logo seja reconhecida”.

Aqui será interessante a delimitação de um caso particular de comicidade: há uma espécie de cômico que merece um comentário em separado e que é aquela a que Freud chama “ingênuo”. Ainda não é um

chiste porque como o cômico em geral, o ingênuo é constatado e não produzido, como o chiste o é. Freud enfatiza reiteradas vezes que um chiste é produto de trabalho, já o cômico, não. O ingênuo ocorre quando alguém não tem inibição, é completamente solto, fazendo assim um comentário que ao ser ouvido provoca no ouvinte o riso. Neste caso, alega Freud, "comportamo-nos como a terceira pessoa do chiste, que é presenteada com uma economia na inibição sem qualquer esforço de sua parte" (Freud, 1905, p.208). Isto porque percebemos o chiste, que não foi feito nem percebido pela pessoa considerada ingênuo.

Por sua relação com a ingenuidade, não é de se surpreender a constatação de que o cômico chamado ingênuo ocorra bem mais freqüentemente nas crianças e/ou nos adultos não instruídos, que podemos considerar infantis no que se refere a seu desenvolvimento intelectual (Vale dizer que Freud, sábia e prudentemente aliás, vai desconfiar dessa pura ingenuidade da infância e questioná-la sempre). "É iluminadora a descoberta que comentários ingênuos, como os feitos pelas crianças, podem ser também descritos como chistes ingênuos" (Freud, 1905, p.209). A conformidade entre os chistes e a ingenuidade, tanto quanto as razões de sua dissimilaridade podem ser mais bem esclarecidas no exemplo observado na figura 4:

Figura 4: O cômico ingênuo: o chiste depende de você ...



Fonte: Jornal do Brasil – Caderno B, 2ª. feira, 15/01/2001, p.2

Se, para Freud (1905) a dor é o acúmulo de tensão, e o prazer a sua descarga, vemos que o riso do cômico descarrega o desconforto de pensar no diferente, no estranho. Mesmo desvelando este estranho, o cômico o

anula. Ou seja, transcrevendo uma das inúmeras máximas de Machado de Assis (1959, p.524), que por sinal nomeia o presente capítulo, o cômico testemunha que “suporta-se com paciência a cólica do próximo”.

Há outro ponto interessante a ser também destacado: o processo cômico não suporta ser hiper-investido pela atenção, conforme observa Freud (1905, p. 248):

“Antes, faz parte do pré-consciente; e tais processos, que se desenvolvem no pré-consciente mas carecem de catexia da atenção à qual está conectada à consciência, podem adequadamente receber o nome de ‘automáticos’. O processo de comparar as despesas deve continuar sendo automático se lhe cabe produzir o prazer cômico”.

Ou seja, se alguém ri de uma pessoa que cai na rua, esse riso só ocorre se esta pessoa não se colocar no lugar daquela que caiu, pois caso se pense que a queda possa causar um ferimento, ou se tenha outro pensamento qualquer que desloque a atenção, o riso não ocorrerá. Aqui, para se rir é preciso não se pensar.

Tal acúmulo de tensão é liberado assim, sem trabalho, gratuitamente e não pode ser transferido para outro uso, pois o cômico só tem um sentido: um ri do outro. É por isso que Freud enumera como condições desfavoráveis à gênese do cômico (além da atenção) todos os tipos de processos intelectuais (o pensar) e todo o afeto.

O prazer do cômico advém de uma certeza ilusória de saber-se os parâmetros do certo e do errado, remetendo a uma relação narcísica, imaginária. Aqui vale retomar o conceito lacaniano de nó borromeano que pressupõe para a constituição do sujeito, o enodamento de três registros indissociáveis – Real, Imaginário, Simbólico (conforme estudo realizado na página 8 desta mesma dissertação).

Portanto, em psicanálise não se trata de se destruir o imaginário, de se acabar com o narcisismo do sujeito. Como observa Freud no texto ‘Sobre o Narcisismo’, o narcisismo primário é o primeiro organizador do psiquismo do bebê, que conforme já foi dito, nasce indefeso, na mão do outro e por isso mesmo é vital para ele que de alguma forma, seja ela qual for, se sinta

amado e aceito. Nesse caso, como se vê, o narcisismo não é alguma coisa de horrível, de condenável e que deva ser abolida. Numa certa época da Psicanálise, um mal-entendido o tornou o vilão da história: chamar uma pessoa de narcisista era muito pior do que xingar-lhe a mãe ... E, no entanto, Freud, desde 1914, elabora a seguinte tese:

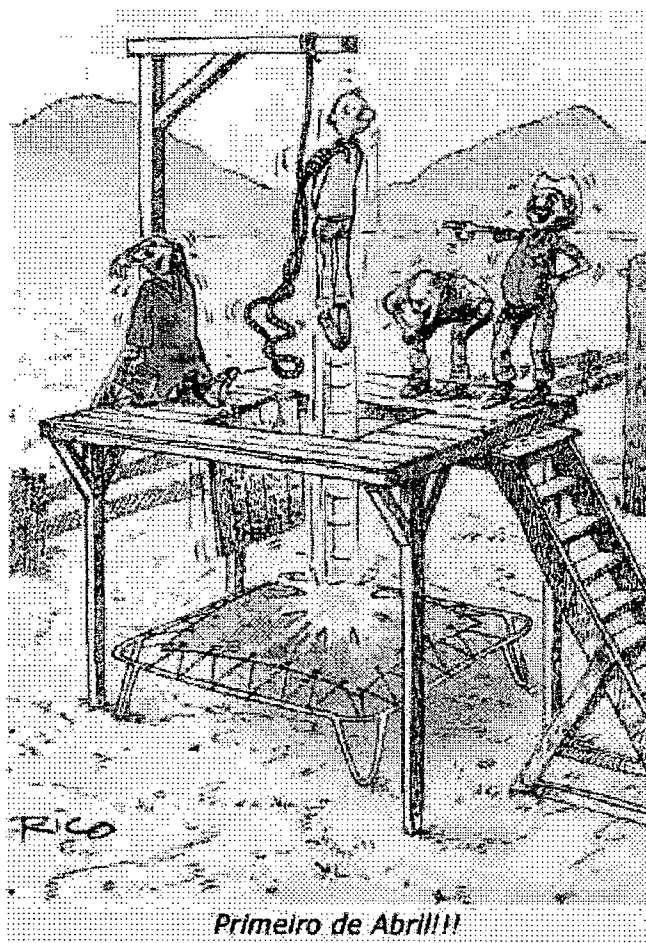
“... posso ressaltar que estamos destinados a supor que uma unidade comparada ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo portanto necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica a fim de provocar o narcisismo” (Freud, 1914, p.93).

Trata-se, então, tanto na clínica psicanalítica quanto no direcionamento da análise do cômico, na presente dissertação, de se considerar um imaginário mitigado. Mitigado sim, pacificado sim, mas de forma alguma abolido.

O cômico opera, assim, pela via da mimese, da imitação; trabalha a serviço do ideal de eu e, desse riso o tirano não tem medo, conforme narra Eco (1983, p.532):

“O riso é a fraqueza, a corrupção, a insipidez de nossa carne. É o folguedo para o camponês, a licença para o embriagado, mesmo a igreja em sua sabedoria concedeu o momento da festa, do carnaval, da feira, essa ejaculação diurna que descarrega os humores e retém de outros desejos e de outras ambições ... Mas desse modo o riso permanece coisa vil, defesa para os simples, mistério dessacralizado para a plebe. Dizia-o também o apóstolo, antes do que abrasar, casai-vos. Antes do que rebelar-se contra a ordem desejada por Deus, ride e deleitai-vos com vossas imundas palavras da ordem, no fim do pasto, após terdes esvaziado os cântaros e os frascos”.

Figura 5: Suporta-se com paciência a cólica do próximo



Fonte: bitsbytes@bitsbytes.com.br

O cômico produz o riso que não ameaça, como o bufão da corte que paga com uma pretensa subserviência o preço da falsa liberdade de dizer verdades ao rei.

A questão essencial do cômico é não criar questão ...

3 O VELHACO HIPÓCRITA

Se o cômico, bufão da corte, serve a um só senhor, o chiste “é um velhaco hipócrita, servidor, a um só tempo, de dois amos” (Freud, 1905, p.179). Freud associa essa duplicidade do chiste à imagem do Deus Janus, de duas faces, uma barbada e a outra imberbe, olhando em dois sentidos opostos, em duas direções diferentes. Janus na religião dos romanos era o espírito anímico dos portais (ianuae) e arcadas (iani). Sua devoção retrocede a Rômulo e a período mesmo anterior ao da fundação da cidade de Roma.

“Começa agora a raiar em nós a suspeita de que a técnica dos chistes seja em geral determinada por duas espécies de propósitos – aqueles que possibilitam a construção dos chistes na primeira pessoa e aqueles que pretendem garantir ao chiste um efeito maximamente agradável na terceira pessoa. Pertencem ao primeiro destes propósitos tanto o dúplice (como Janus) caráter dos chistes que protege sua produção original de prazer nos ataques da razão crítica, quanto o mecanismo do prazer preliminar; a ulterior complicação da técnica pelas condições enumeradas no presente capítulo ocorre em função da terceira pessoa do chiste. O chiste é assim um velhaco hipócrita, servidor, a um só tempo, de dois amos” (Freud, 1905, p.179).

A que amos o chiste serve? Esta observação suscita vários tipos de questões.

Em primeiro lugar, se o cômico implica em duas pessoas – uma que ri e outra que é objeto do riso –, a situação chistosa pressupõe três pessoas, três lugares. Se alguém acha alguma coisa cômica, pode divertir-se consigo mesmo.

Por outro lado, conforme observa Freud (1905, p.166-67):

“(…) Ninguém se contenta em fazer um chiste apenas para si. Um impulso de contar o chiste a alguém está inexplicavelmente ligado à elaboração do chiste; de fato, o impulso é tão forte que

freqüentemente se processa a despeito de sérias apreensões [perde-se um amigo, mas não se perde a piada] também no caso do cômico contá-lo a mais alguém produz prazer, mas a solicitação não é tão peremptória. Se alguém acha alguma coisa cômica, pode divertir-se consigo mesmo. Um chiste, pelo contrário, deve ser contado a alguém mais. O processo psíquico da construção de um chiste não parece terminado quando o chiste ocorre a alguém: permanece algo que procura, pela comunicação da idéia, levar o desconhecido processo do chiste a uma conclusão”.

Por isso, o chiste é um jogo desenvolvido, é eminentemente social. Aponta para a palavra e “uma palavra não é palavra a não ser na medida exata em que alguém acredita nela” (Lacan, 1986, p.272-73). Segue-se o contexto do qual foi destacada a citação acima:

“O grunhido do porco não se torna uma palavra a não ser quando alguém se coloca a questão de saber o que ele quer fazer crer. (...) É nessa dimensão que uma palavra se situa antes de tudo. A palavra é essencialmente o meio de ser reconhecido. Ela está aí antes de qualquer coisa que haja atrás. E, por isso, é ambivalente e absolutamente insondável. O que ela diz, será que é verdade? Será que não é verdade? É uma miragem. É essa primeira miragem que lhe assegura que estão no domínio da palavra.

Sem essa dimensão, uma comunicação não é algo que transmite, mais ou menos da mesma ordem que um movimento mecânico. Eu evocava há pouco a esfregação sedosa, a comunicação das esfregações no interior da pocilga. É isso – o grunhido é inteiramente analisável em termos de mecânica. Mas, desde que ele quer fazer crer e exige o reconhecimento, a palavra existe. Eis porque, num sentido, se pode falar da linguagem dos animais. Há uma linguagem dos animais na medida em que há alguém para compreendê-la”.

Tal situação aponta, evidentemente, para o campo da linguagem, isto é, o campo do simbólico, porque, diferentemente do cômico, o objeto do riso, a segunda pessoa, pode não estar presente: a introdução do símbolo, diz Lacan (1986, p.201), “inverte as posições – a ausência é evocada na presença e a presença na ausência” (Isto quer dizer que, se se conversar sobre um rinoceronte, por exemplo, numa sala de visitas, não se precisa trazer o referido animal ao lugar da conversa. O que, aliás, é um alívio...) Segundo Freud (1905, p.180), “é, pois, a um terceiro que está de fora que o chistoso visa; é no riso dele que confirma e suplementa seu prazer, num riso por ricochete”. Ou, ainda segundo Freud, para explicitar melhor seu pensamento a respeito dessa tríade (Freud, 1905, p.180):

“Quando faço alguma pessoa rir, contando-lhe meu chiste, estou de fato utilizando-a para suscitar meu próprio riso e é possível, de fato, observar que a pessoa que começou a contar o chiste, com a face séria, reúne-se depois à gargalhada do outro com um riso moderado. Conseqüentemente, contar meu chiste a outra pessoa, serviria a vários propósitos: primeiro, dar-me a certeza objetiva de que o trabalho do chiste foi bem sucedido; segundo, completar meu próprio prazer pela reação que provoço na outra pessoa; terceiro – onde entra a repetição de um chiste que não foi produzido pelo próprio narrador – compensar-se da perda de prazer causada pela novidade do chiste”.

Dois anos, duas pessoas riem: quem faz ou conta o chiste e quem o ouve. Observe-se agora a fala do Senhor N, muito citado por Freud (1905, p.39), a respeito de conhecida e poderosa figura da época: “Bem, a vaidade é um dos seus quatro calcanhares de Aquiles”.

Pela técnica de condensação da imagem clássica do guerreiro Aquiles – cujo único ponto vulnerável era um dos calcanhares – à imagem de um animal de quatro calcanhares, isto é, quatro patas, pôde o Senhor N suscitar o prazer no ouvinte, ao liberar, por um drible elegante na língua, a agressividade que não poderia ou não deveria ser dita de maneira direta. E que não teria graça alguma: o senhor X é poderoso, mas é também uma cavalgada extremamente vaidosa ... Assim, uma pulsão agressiva foi

desviada e, pelo refinamento da linguagem, serviu à consecução do prazer do riso cúmplice a dois, pois o chiste, para acontecer, precisa do entendimento, do reconhecimento e da gargalhada do outro.

Diferentemente da relação binária, narcísica, pertinente à situação cômica, o chiste pressupõe uma relação ternária, hierarquizada.

Exemplifique-se tal hierarquia voltando-se ao tempo em que, no ensino fundamental, faziam-se exercícios para completar séries matemáticas. Se fossem dados dois números – 2 – 4 – ..., podia-se preencher a lacuna com o número que viesse à cabeça. Mas, se fossem dados três números, seria necessário agir em conformidade com a ordem estabelecida. Assim, em 2 – 4 – 6 – ..., só se poderia escrever 8; em 2 – 4 – 8 – ..., seria obrigatório o 16: 4, 8, 16, 32, 64 etc. Há uma relação formalizada, uma regra a ser seguida, mantida e obedecida. O terceiro forma uma série; com ele se entra numa hierarquia de lugares, numa lei. Como no simbólico, isto é, como na linguagem. Para se falar é preciso se submeter a uma série de regras fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas. Forma-se um laço social, há uma razoável comunicação, mas há também um preço a se pagar: a perda da liberdade pela submissão a um código, a uma língua, sob pena de não se integrar na comunidade. Por isso, o chiste implica num compromisso com a inteligibilidade, sem o qual ele não acontece.

Mas não se deve esquecer de que se trata de um velhaco hipócrita ... A submissão do chiste à linguagem é absolutamente relativa, y compris o paradoxo. Isto porque há outro ponto de duplicidade para além do riso de duas pessoas ... Repita-se então, a pergunta: a que senhores o chiste serve, afinal de contas?

Eis uma segunda questão, que deverá ser trabalhada a partir de uma frase de Millôr Fernandes (apud Castro, 1990, p.78): “Alguns livros são do tipo que quando você os larga, não consegue pegar mais”.

Como o do senhor N, este chiste serve a um propósito hostil, ainda que mais difuso: o objeto do riso, a segunda pessoa, é a má literatura, são os maus livros e os maus autores. Há um trabalho de deslocamento intencional da linguagem que nos pega de surpresa e nos suscita o riso. A frase conhecida e esperada, era um clichê, um estereótipo “é um livro que

quando se pega não se larga mais”. Um estereótipo é uma forma compacta, que reproduz o igual, não traz o novo, porque já foi esvaziada pela repetição. De tão saturada de sentido, perde o sentido. Por isso mesmo, a inversão de algo já estabilizado na língua, nos pega de surpresa: o sentido gasto do clichê é desmanchado por um não sentido que é, paradoxalmente, um sentido novo, uma criação.

Observe-se agora outro chiste: o poeta francês J.B. Rousseau escreveu uma Ode à Posteridade. Voltaire era da opinião de que o poema, por sua mediocridade, não merecia tamanho tempo de sobrevida e chistosamente comentou: “Esse poema não alcançará seu destinatário” (Freud, 1905, p.235-36). Nota-se aí a concretização de um conceito abstrato, ao se levar ao pé da letra algo da ordem da metáfora. Há assim, uma revitalização da palavra “posteridade” que, no sintagma Ode à Posteridade, funcionava como frase feita, como fórmula gasta e pretensiosa. Isto porque há um retorno à representação de coisa que é da ordem do inconsciente. O processo de desmetaforização usado neste chiste é um sopro de renovação e nos faz rir, malgrado a ofensa implícita.

Isto evidencia a economia psíquica como característica do chiste. Evidencia também sua capacidade de recuperação do processo infantil de representação de coisa: duas esferas, a concreta e a abstrata, assim condensadas provocam um riso de poder... Poder por um momento, enganar a língua, essa língua que nos assujeita bem antes de nascermos. O período em que uma criança está adquirindo o vocabulário da língua materna, permite-lhe um grande prazer em experimentá-lo, brincando com ele, com seus ritmos, rimas e sofrendo na pele a dificuldade de abstração. Este aspecto experimental pode fazer a relação do mundo infantil com a língua materna chegar às raias do terror, como por exemplo o caso do menino que estava implicando com a irmã mais velha. Letícia, a própria, foi-se queixar ao pai que conversava, um pouco distante, numa roda de amigos. Replica este então, querendo encerrar rapidamente a briga: – Fale para o João tomar tino. Logo depois chega o menino, urrando de desespero e gritando: – Não vou tomar isso não! Não vou tomar isso não! Pode-se imaginar o horror da situação: que raios seria esse tal de “tino” cujo significado ele desconhece,

mas mesmo assim vai ter de engolir? É claro que a tal exclamação seguiu-se uma cruel gargalhada geral dos adultos. O que marca aí a questão já introduzida na seção 2 sobre o cômico, ou seja, um ri do outro.

É através de episódios desta natureza que a criança percebe pouco a pouco, que o prazer de brincar com as palavras deve ser evitado ou escondido sob pena de ela cair no ridículo, de ser objeto de riso, de tal forma que só restam como opções seguras as combinações convencionais de palavras. A criança aprende a abstrair e a entrar na lei hierarquicamente rígida de uma língua. É assim recebida no mundo dos adultos. Felizmente nem todos perdem essa capacidade. Mannoni (1992) lembra de que quando perguntaram a Roman Jakobson², durante um seminário organizado por Lacan na École Normale, como é que uma pessoa se tornava lingüista, ele respondeu: “Ninguém se torna lingüista, permanece-se lingüista”.

É por isso que um dos prazeres maiores do chiste reside numa flexibilização que permite ao sujeito recuperar a idéia da linguagem como jogo, tal qual se fazia na infância com as palavras. Esse refinado desvio, essa subversão só serve à consecução do prazer se um cúmplice, a terceira pessoa, endossá-lo com o riso. Em suma, alguém tem que compreender o chiste, tem de inseri-lo novamente na cadeia significante.

A não compreensão de um chiste remete aquele que o conta a uma experiência terrível de vazio, de falta de chão. Caso que aconteceu, por exemplo, à autora dessa dissertação que contou inadvertidamente a outra pessoa o seguinte chiste: “Você conhece a história do português que foi à Bolívia buscar coca?” A terceira pessoa em perspectiva respondeu que não. Então a candidata a chistosa completou cheia de expectativa: “trouxe Pepsi”. (Perceba-se que o jogo deste chiste depende basicamente da oralidade. Quando transcrito, perde a ambigüidade implícita na palavra “coca”, que tanto pode ser grafada Coca (refrigerante) ou coca (cocaína), mas que é ouvida de uma forma só, já que não há maiúsculas na fala ...) O ouvinte ao invés de rir, replicou sinistramente aos ouvidos da pobre narradora: “por quê?” ... Foi um horror!!! Uma trombada com o real. Um chiste abortado

² Grande lingüista russo, muito ligado a Lacan, e a partir de cujas idéias pôde este articular Psicanálise e Lingüística e dizer no Seminário 20, no capítulo chamado “A Roman Jakobson”, que não fazia lingüística, mas sim “lingüisterias”. A Psicanálise, como sempre, antropofagicamente incorpora outros campos do saber humano.

deixa a primeira pessoa perdida num vazio. O que comprova que o chistoso tem também que “procurar sua turma”.

O avesso do avesso do avesso ... A dupla face de Janus. É que o chiste submete-se ao simbólico, subvertendo-o: para além do simbólico, há algo impossível de ser dito – o Real. Por isso, esperto como é, ao simbólico o chiste retorna. A esse respeito, afirma Barthes (1980, p.15-16): “Os signos só existem na medida em que são reconhecidos, isto é, na medida em que se repetem; em cada signo dorme este monstro: um estereótipo”.

Ao que um chistoso responderia, vamos ver então se conseguimos uns estereótipos realmente novos ... O que marca um limite entre o chiste e a literatura: o chiste propõe um salto de dentro da língua que denuncia a ambigüidade das palavras. Mais prudente (ou velhaco?) que o poeta, que trapaceia a língua com a própria linguagem, não se importando com o Outro, visando a um mais além, ao vazio, o trabalho do chiste dribla e simultaneamente retoma o sentido, num jogo bem feito e rápido.

Pontua, a esse respeito Freud, com perspicácia que lhe é peculiar (1905, p.235):

“Todas as análises que fazemos até aqui indicam que a fonte do prazer cômico é a comparação entre duas despesas, que atribuímos ambas ao pré-consciente. Os chistes e o cômico distinguem-se principalmente em sua localização psíquica: pode-se dizer que o chiste é a contribuição feita ao cômico pelo domínio do inconsciente”.

Na sua hipocrisia, o chiste garante à língua, como resposta, “um definitivo talvez” (Scliar, 1990, p.92), subvertendo o que está barrado, visando simultaneamente a um ponto de não sentido para produzir um sentido novo. Desmonta a linguagem, aprimorando-a, elevando-a, pois o chiste é um sofisticado senhor que tão somente busca o prazer, a serviço do pré-consciente. Desde que, é claro, revisado pelo inconsciente: servindo a dois amos ...

Contraponha-se, agora, a fala de Lacan, (1977, p.76):

“o chiste é a metáfora de uma verdade que se disfarça e que recebe do Outro a sanção que a funda como tal. No decorrer de

um discurso intencional, algo se produz que ultrapassa o querer do sujeito: acidente, paradoxo, mas também criação; há significantes que se entrecrocaram e engendram um sentido. Eis aqui o chiste. Ele expõe o lugar do sujeito. A experiência freudiana traz algo de essencial à questão. Os psicanalistas de hoje tendem a confundir o sujeito com o eu e a identificar este eu com um poder de síntese – enquanto que Freud descobre um sujeito que funciona mais além do par eu/outro, e que não é, por isso, um duplo, um “mau eu” ou um “eu verdadeiro”; é, em uma palavra: o inconsciente”.

Observe-se o termo “Psicanálise”: psico/análise, quer dizer, análise do psiquismo. A Psicanálise nada tem, pois, de sintética, simplesmente porque ela lida com a divisão do sujeito, fato paradoxal, como era de se esperar, em se tratando da visão psicanalítica.

“A via do paradoxo é o caminho da verdade. Para testar a realidade, precisamos vê-la na corda bamba, só quando as verdades se tornam acrobatas é que podemos julgá-las” (Wilde, 2000, p.146).

Trata-se da impossibilidade de o sujeito ser inteiro e completo, porque o que o move é uma falta a ser que o permite desejar e caminhar. Sem desejo, se estanca a vida: paradoxo constitutivo do ser falante.

O chiste expõe, em oposição à certeza imaginária do eu, o vazio do sujeito; mais além do falso e do verdadeiro, do certo e do errado, há um sujeito do inconsciente. Somos fundados no campo do Outro, como bem o demonstra o processo chistoso, porque, para ele existir é preciso que o outro o sancione com o riso. Por isso Lacan considera o chiste modelo do inconsciente, ou seja, o modo pelo qual se opera o momento psicanalítico na clínica.

Modelo e não formação, que significa “forma” mais “ação”. Estas últimas podem ser diferenciadas do modelo e percebidas com bastante nitidez no consultório quando ocorre um ato falho, ou quando o paciente conta um sonho.

Há, pois, no chiste o prazer do breve momento de uma inesperada liberdade na sintaxe, na morfologia, na fonética, ou na semântica: em suma, um rápido segundo em que a servidão à linguagem cessa, como no exemplo da figura 6. Servidão tanto mais perigosa porque passa tão despercebida que ilude o falante, fazendo-o dela se esquecer e muitas vezes até negá-la.

Figura 6: Desvio inesperado de sentido: um rápido salto de dentro da linguagem



- O dia estava muito bonito. Eu era jovem e me achava belíssima vestida de noiva. Meus pais e todos os meus amigos se encontravam lá. Os minutos voavam no relógio da igreja. Mas havia um mal-estar geral: meia hora ... 45 minutos ... uma hora! E então – penso nisso todos os dias – se concretizou a maior tragédia de minha vida: ele chegou.

Fonte: Revista Caras – Editora Abril, ed. 372 – ano 8 no. 51 de 22/12/2000, p. 33

É exemplar o que se observa constantemente na clínica psicanalítica ao se marcar qualquer formação do inconsciente como, por exemplo, um ato falho do paciente. Via de regra o analisando iniciante não aceita a escansão do analista, argumentando que não queria dizer isso. Frequentemente utiliza-se da alegação de que o que falou antes era errado, e que por isso não valia etc. Ao ser confrontado com o fato de que efetivamente “disse isso” e que esse erro, e não a sua correção, é que contém uma verdade psicanalítica, descobre na pele o fato de que foi atravessado pelo inconsciente, e que por isso mesmo o seu eu não é tão poderoso quanto supunha, ou seja, que o seu eu (ego) não é senhor da sua própria casa. Tal fato desencadeia, em geral, veemente protesto, denegação e defesa. Não é fácil perceber e aceitar que se é falado pelo Outro ... É a esta liberdade que o chistoso visa ao transmitir um chiste, ainda que por um momento muito, muito breve. E ainda que pague o preço do risco de não ser entendido e de se haver com o vazio de um chiste abortado. É por isso que se fala constantemente do perigo da esperteza do analista. O analista tem mais é que se fazer de bobo, ou seja, não ser metafórico, permitindo dessa maneira, que o desejo do paciente deslize: isto significa poder ser pivô da transferência.

Mas, o que distingue o chiste das demais formações do inconsciente, a saber, sonhos, sintomas, fantasias, atos falhos? Aqui limitar-se-á a apontar um aspecto essencial: o impulso de contar um chiste ouvido, de passar de terceira pessoa a primeira. Isto porque contar ou fazer um chiste dá prazer. O chiste é um presente que se dá ao outro. É o prazer de se saltar de dentro da linguagem, mesmo tendo que a ela se submeter depois, porque, é sempre bom repetir, o chiste precisa ser entendido.

Considere-se agora, especificamente, o ato falho. Cometer um ato falho é uma experiência, no mínimo, altamente desagradável. Para não dizer horrível. Se o ato falho for um presente, é sem dúvida um presente de grego ... E no entanto, tanto no chiste quanto no ato falho, é o desejo, é o recalcado que se manifesta. Retomando Freud (1900, p.513), na sua primeira conceituação de transferência, tem-se que:

“...Uma representação inconsciente, como tal, é inteiramente incapaz de penetrar no pré-consciente, e só pode exercer ali algum efeito estabelecendo um vínculo com uma representação que já pertença ao pré-consciente, transferindo para ela sua intensidade e fazendo-se “encobrir” por ela. Aí temos o fato da “transferência”, que fornece uma explicação para inúmeros fenômenos da vida anímica dos neuróticos”.

Isto quer dizer que o desejo inconsciente é indestrutível porque não é jamais articulável; ele é articulado: só é apreendido numa articulação dada. Ele pega carona nos significantes esvaziados do pré-consciente, na representação de palavras. O melhor exemplo disso, é o aproveitamento, pelos sonhos, dos restos diurnos, esvaziados de sentido, aparentemente inocentes, que permitem que a censura seja burlada, a serviço do desejo ...

Retomando os atos falhos: Freud (1901, p.49) cita, dentre outros exemplos, o engano cometido pelo presidente da câmara dos deputados do parlamento austríaco: ‘Senhores, observo que está presente a totalidade dos membros e por isso declaro a sessão encerrada.’

A troca de palavras (“encerrada”, em vez de “aberta”) indica a má disposição do presidente com relação aos trabalhos da sessão. Esta má vontade foi censurada e reprimida. Como político, ele não deveria permitir-se sequer pensar no seu desagrado: este não podia deixar vestígios. Suas energias se voltaram para a repressão, dando oportunidade a que o desejo se articulasse no discurso assim esvaziado. Daí o erro, o susto, o desprazer. No caso, a tentativa onipotente de repressão, por parte do eu, serviu de base para o aparecimento do recalado, do sujeito barrado, dividido (analítico), falado pelo inconsciente. A contra gosto ... Como diz Lacan (1986, p.319), “é a face radical do não senso que apresenta todo o sentido.” (O ato falho repete a situação imaginária do cômico: quem é por ele atravessado, pode-se tornar objeto do riso do outro).

Já o chiste não é a contragosto; é com gosto que se faz; “ele é a irrupção calculada do não senso num discurso que parece ter um sentido” (Lacan 1986 p.319), ele é o drible do sentido, como já foi apontado.

Para melhor compreensão, observe-se a literatura de Machado de Assis, conhecido, dentre várias outras inúmeras qualidades, como o “deturpador de citações”. Aliás, é difícil falar de Machado de Assis sem mencionar a “leitura” da ironia, que embora fora do âmbito desta pesquisa, se faz presente, a título explicativo, neste momento.

Ramos (1997, p.13) a focaliza como um conceito tributário da filosofia de Kierkegaard:

“No estágio irônico, o homem tem consciência de que através da linguagem é possível dissimular, (...) reconhece as contradições existentes entre linguagem e realidade, depara-se com as dificuldades que existem para compreender o mundo. O estado irônico absorve o problema da linguagem e da própria realidade”.

Continuando este breve parênteses sobre a ironia, Ramos (1997, p.70) retoma a mesma linha de pensamento ao comentar:

“A ironia só compreende o real quando nega o estabelecido, redefinido-o. Essa postura crítica e dialética confirma o olhar agnóstico e mesmo cínico que os irônicos têm. Eles negam a unidade, aceitam a separação, questionam verdades estabelecidas. Os irônicos atualizam a sentença socrática do ‘só sei que nada sei’; sabem que o incognoscível existe apesar de todos os esforços da linguagem para definir a realidade. O sujeito irônico não acredita mais na representação dos deuses, na era dos heróis. No cenário musical vamos encontrar um exemplo bastante sugestivo da totalidade do pensamento irônico. Ainda encantado com os ideais revolucionários propostos por Napoleão Bonaparte, Beethoven compôs a sinfonia Heróica em homenagem ao comandante francês. Quando Bonaparte negou os ideais republicanos e proclamou-se imperador, Beethoven rasgou o nome do “imperador” de sua obra, traduzindo a atitude de descrença e revolta dos irônicos, que desconfiam das propostas totalitárias, do endeusamento humano”.

Por agora, basta que se pontue que a ironia é uma área a ser trabalhada com mais precisão com relação ao trajeto proposto por esta tese. Mas este é um terreno movediço e que por isso mesmo pode e deve ser reservado para desenvolvimento em trabalhos posteriores. A referência à ironia se deve ao fato de ela estar intimamente associada à leitura da enunciação machadiana e ao seu ‘humour’ de influência britânica.

Eis, enfim, o texto machadiano em questão:

“Cuido haver dito, no capítulo XIV, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer; assim o afirmam todos os joalheiros deste mundo, gente muito vista na gramática” (Machado de Assis, 1959, p. 436).

No desmontar a frase feita, romântica e vazia “morrer de amor”, Machado de Assis recria um novo sentido, nada lisonjeiro para o caráter da personagem Marcela; mas sua crítica atinge também a fixidez da língua, o muro imaginário da linguagem – contra a repetição, a frase empolada, os clichês. Que os gramáticos saiam de suas torres de marfim, de sua falsidade, de sua ambição. É difícil explicar um chiste, ou reduzi-lo, como dizia Freud no livro *O Chiste e suas relações com o Inconsciente*. Explicá-lo é perdê-lo e perder-se na mesmice do clichê. Há sempre algo que não pode ser explicado ... A surpresa do cálculo, ou o cálculo da surpresa – o chiste sempre servindo a dois amos ... Rindo, sempre.

“Retomemos Freud sobre o papel fundamental da terceira pessoa no trabalho do chiste. O ouvinte de um chiste – a terceira pessoa – é presenteado com um prazer, para cuja obtenção ele não dispendeu esforços. Em contrapartida, a pessoa em que o chiste se formou, não pode rir sozinha de seu chiste, jogando nas mãos deste terceiro a expectativa da liberação de prazer. Essa cena é possibilitada, como diz Freud, pela abertura da “outra cena” – a cena psíquica de ação, expressão de Fechner – que vem demonstrar para nós o campo do Outro como originador e fundador dessa cena. Freud conclui sobre o chiste, que este é um jogo desenvolvido, um jogo que exaltou e

considerou a terceira pessoa, sem, no entanto, criar compromissos com ela. Este se rendeu ao prazer, gratuitamente, sem saber porque” (Saliba, s/d, p.02).

Diferentemente do cômico, o chiste se refere a outra cena, outro tipo de lei, outra lógica: a lógica do inconsciente. Exemplificando:

“Rotschild está viajando por Minsk. Dá-lhe fome, e na falta de melhor lugar vai a um café judaico, onde faz uma pequena refeição. O garçom traz a conta. Vinte rublos por dois ovos, indigna-se Rotschild³. É impossível! São raros os ovos aqui neste lugar? Ovos não – replica o garçom – mas os Rotschilds são” (Freud, 1905, p.257) ...

Já se disse aqui que o inconsciente é o campo do Outro, é de onde vem o sentido. Daí Lacan observar que a terceira pessoa é encarada no processo chistoso, não como pessoa, mas como sede do código. O chiste existe a partir do endosso desse terceiro, como vimos em vários exemplos, dentre os quais o do português e da coca. É ao simbólico, portanto, que ele diz respeito.

É, pois, no código que o chiste opera. Mas não só na desmontagem de clichês. Ele vai mais além. Freud (1905, p.80) nos fala dos chistes que apresentam um desvio em relação ao pensamento normal, utilizando como método o deslocamento e o absurdo:

“A tomou emprestado de B um caldeirão de cobre e após devolvê-lo foi acionado por B já que o caldeirão tinha agora um grande furo que o tornava inutilizável.

Sua defesa foi: Em primeiro lugar, nunca tomei o caldeirão emprestado de B; em segundo lugar, o caldeirão já estava furado quando eu o peguei emprestado; e, em terceiro lugar, devolvi-lhe o caldeirão intacto”.

O raciocínio falho aqui, segundo Freud (1905, p.232) deriva basicamente do fato de que pensamentos mutuamente exclusivos (nunca tomei o caldeirão emprestado, ou o caldeirão já estava furado ..., ou devolvi-

³ Os Rotschilds eram e são até hoje uma família de ricos banqueiros judeus.

lhe o caldeirão intacto) encontram uma seqüência na língua através dos numerais ordinais (em primeiro lugar, em segundo lugar ...). Falho em termos de lógica do consciente, pois, na outra lógica, a do inconsciente não há a alternativa “ou ... ou”; há apenas justaposição simultânea – “e...e”. O inconsciente acerta sempre, como também o analista: resta só saber aonde. Mas, para além dessa comparação imaginária, normativa, “lógico versus ilógico”, este chiste aponta e questiona a falta de garantias da própria linguagem. As palavras não dão conta de tudo; assim que se começa a falar começa o mal-entendido; por isso é bom não se confiar muito nelas, como o atesta o exemplo que se segue:

“DELICIOSO MAL ENTENDIDO

Essa é boa. Fernanda Torres face to face com Marília Gabriela na TV. Conversa vai, conversa vem, e a moça se queixa do quanto é difícil “carregar o pavão toda noite”. Gabi fez uma cara de que sim, tinha entendido essa nova gíria carioca. Quem sabe não seria uma nova maneira de dizer “caprichar na maquiagem”, ou “ficar bonitona para a noite”?, deve ter pensado, logicamente relacionando o tal pavão com a vaidade. Mal sabia a loira que o pavão que Fernanda costuma carregar é o ator Ricardo Pavão, o cadáver da peça *Duas mulheres e um cadáver*, agora em São Paulo. O pior é que a pseudo gíria pegou. O que tem de gente carregando o pavão antes de ir para a night, vou te contar!” (Moraes, 2001).

Lacan (1988b, p.201) fala dessa alternativa alienante que ilusoriamente se precisa acreditar que a língua permitiria:

“Esse “ou” alienante não é de modo algum uma invenção arbitrária e, como se diz, uma vista do espírito. Ele está na linguagem. Esse “ou” existe. Tanto ele está na linguagem que conviria também, quando se faz lingüística, distingui-lo. Vou lhes dar um exemplo e já: A bolsa ou a vida! Se escolho a bolsa, perco as duas. Se escolho a vida, tenho a vida sem a bolsa, isto é, uma vida decepada”.

Ou seja, alienação na imagem do outro; separação do outro – é o que a fala institui. Não se deve esquecer que o símbolo, a palavra, o significante, é a morte da coisa; eles não dão garantias de nada ... O sujeito nunca é, como já se pontuou anteriormente, um eu fortalecido, a soma X e Y, mas um sujeito dividido, incompleto, ou X ou Y.

A esse respeito, Foucault (1990, p.6) afirma: “O impossível não é a vizinhança das coisas, é o lugar mesmo onde elas poderiam avizinhar-se”. Como na história do caldeirão furado, onde poderiam os argumentos contraditórios jamais se encontrar, a não ser na voz imaterial que pronuncia sua enumeração, a não ser na página que a transcreve? Onde poderiam eles se justapor, “a não ser no não-lugar da linguagem?” (Foucault, 1990, p.06).

Retome-se agora a comparação pensamento “lógico” versus pensamento “ilógico”, em que se supõe haver uma significação certa e racional como parâmetro. A comparação é do campo do imaginário, do cômico, conforme verificou-se no capítulo 2. É a fachada cômica do chiste. O chiste apresenta fachadas, artifícios para distrair, seduzir a atenção do ouvinte – subtraindo assim a atenção do processo chistoso. Essa atenção, assim apanhada desprevenida, “opera como um prazer preliminar subornador” (Freud, 1905, p.176). Ou um prazer preliminar velhaco e hipócrita? O processo automático do riso torna-se possível pelo desvio de nossa atenção consciente: daí a surpresa, a brevidade. Mas, “se deixarmos de detectar o chiste, somos novamente deixados com a história cômica ou engraçada” (Freud, 1905, p.232).

“Primeiramente devo denominar a técnica trazida à luz. Proponho descrevê-la como ‘deslocamento’, já que sua essência consiste no desvio do curso do pensamento, no deslocamento da ênfase psíquica para outro tópico que não o da abertura. Nossa próxima tarefa será investigar a relação entre a técnica de deslocamento e a forma de expressão do chiste. Nosso exemplo mostra que um chiste de deslocamento independe, em alto grau, da expressão verbal. Depende aqui não das palavras, mas do curso do pensamento. Nenhuma substituição de palavras

possibilitará sua destruição na medida em que seja conservado o sentido da resposta. A redução só é possível se modificarmos o curso do pensamento e fizermos a pessoa que emprestou replicar diretamente à reprovação por ela evitada na versão representada no chiste. (...) Mas aí não teríamos mais um chiste, e sim um óbvio cinismo” (Freud, 1905, p.68).

Falando em sentido, já estaria Freud apontando para a cadeia significativa: entre a significação e o significante, há realmente uma relação, que é aquela que fornece a estrutura do discurso. “O discurso, seja o que vocês ouvem quando me escutam, e que existe – a prova é que às vezes vocês não o compreendem – é uma cadeia temporal significativa” (Lacan, 1988a, p.179). O fenômeno do chiste tem um valor essencial na descoberta freudiana porque ele permite ver claramente a coerência perfeita que tinha na obra de Freud a relação do fenômeno analítico com a linguagem (Lacan, 1995, p.189).

Seria agora interessante observar um outro tipo de chiste, mais raro e mais refinado apontado por Freud (1905, p.136):

“Dois judeus encontraram-se num vagão de trem em uma estação da Galícia. “Onde vai”, perguntou um. “A Cracóvia”, foi a resposta. “Como você é mentiroso”, não se conteve o outro. “Se você dissesse que ia à Cracóvia, você queria fazer-me acreditar que estaria indo a Lemberg. Mas sei que, de fato, você vai à Cracóvia. Portanto, porque você está mentindo para mim?”

Comenta Freud (1905) que o método do absurdo conecta-se aqui a outra técnica, à técnica da representação pelo oposto, pois de acordo com a afirmativa não contraditada do primeiro judeu, o segundo está mentindo quando fala a verdade e fala a verdade por meio da mentira.

“o chiste, uma vez mais aponta para um problema assim como faz uso da incerteza de um dos nossos conceitos mais comuns. Estar-se-á certo em descrever as coisas tais quais são sem nos importarmos de considerar a forma pela qual nosso ouvinte entenderá o que dissermos? Ou será essa uma verdade jesuítica, a verdade autêntica consistindo em levar o interlocutor

em consideração, fornecendo-lhe um quadro fiel desse sujeito que é cada um e de nenhum. Acho que os chistes desse tipo divergem suficientemente dos demais para que lhes seja conferida posição especial. O que eles atacam não é uma pessoa ou uma instituição, mas a própria certeza de nosso conhecimento, uma de nossas capacidades especulativas. O nome que lhes caberia mais apropriado seria, portanto, o de chistes céticos” (Freud, 1905, p.136).

Este tipo de chiste aponta mais claramente para esse sujeito vazio que é todo mundo e é ninguém. A linguagem é total e radicalmente posta em cheque. Questiona a verdade no seu cerne – aponta para a enunciação, para o dizer, para a escuta anidética típica da psicanálise – daí ser chamado “chiste cético”. Mas o que tornaria este chiste mais refinado que o do caldeirão furado? Poderíamos levantar uma hipótese. No caso do caldeirão, o efeito chistoso centra-se na enumeração. Uma enumeração coordenada, seqüencial. Na língua portuguesa, há dois processos sintáticos básicos: a coordenação e a subordinação.

A coordenação ou parataxe é a construção em que os termos se ordenam numa seqüência e não ficam conjugados num sintagma. Na coordenação, cada termo vale por si e a sua soma dá a significação global em que as significações dos termos constituintes entram ordenadamente lado a lado (Câmara Jr., 1964, p.94). Isto quer dizer que a coordenação pressupõe uma hierarquia mais frouxa que a subordinação. Principalmente o tipo de coordenação que o chiste do caldeirão apresenta, em que os ordinais (primeiro, nunca tomei o caldeirão emprestado; segundo, o caldeirão já estava furado ... etc) poderiam ser substituídos pela conjunção /e/, aditiva, a representante mais típica do processo coordenativo. Já no chiste cético não há simples enumeração. Seu texto pressupõe subordinação e coordenação. Na subordinação ou hipotaxe, uma oração determinante, e pois subordinada, se articula com outra, determinada por ela, e principal em relação a ela (Mattoso Câmara Jr., 1964, p.327). Ou seja, este chiste investe contra a infalibilidade da linguagem no seu uso mais refinado, mais concatenado, mais culto. Ele subverte a hierarquia do simbólico no seu ponto, digamos,

mais “hierarquizado”. Tal como o psicanalista o faz em seu consultório, com sua atenção flutuante...

Abra-se, agora, um parênteses para o “Jornal do Brasil” de 18/10/1992, mais precisamente, para a coluna informe JB (Pontes, 1992, p.06):

ENIGMA

“Historinha mineira, interessante para entender como agem os homens hoje no poder.

Juscelino Kubitschek e Renato Azeredo estavam no aeroporto de Belo Horizonte e avistaram José Aparecido de Oliveira.

- Renato, vai lá perguntar para onde o Zé está indo – pediu JK.

Renato foi e voltou:

- Ele disse que está indo para Conceição. Mas acho que vai mesmo é para Juiz de Fora conversar com o Itamar.

- Que nada, sô. Ele disse que vai para Conceição que é para você pensar que ele vai para Juiz de Fora. Mas ele vai mesmo é para Conceição – decifrou JK.”

Em Cracóvia ou Lemberg, Conceição ou Juiz de Fora, onde está a certeza, o certo? O inconsciente é mesmo atemporal, remetendo a outra lógica, não articulável. Com muita pertinência Freud observa(1905, p.66):

“Um caso mais transparente é, uma vez mais, oferecido pelos chistes judeus, que, como já mencionei, são ordinariamente feitos pelos próprios judeus, enquanto as histórias sobre eles, provenientes de outras fontes, dificilmente ultrapassam o nível das histórias cômicas ou da derrisão brutal. O que determina a participação deles nos chistes parecer ser o mesmo fator que ocorre no caso do chiste de Heine “familiarmente”⁴; sua importância parece consistir no fato de que a pessoa envolvida considera difícil a crítica ou a agressividade na medida em que

⁴Heine introduz a deliciosa figura do agente de loteria e calista hamburguês, Hirsch-Hyacinth, que se jacta ao poeta de suas relações com o rico barão Rothschild, dizendo finalmente: “E tão certo como Deus há de me prover todas as coisas boas, Doutor, sentei-me ao lado de Salomon Rothschild e ele me tratou como um seu igual – bastante familiarmente”. Este chiste, tomado ao acaso no dizer do próprio Freud, foi o primeiro por ele trabalhado e deu origem ao volume VIII e aos comentários do Seminário V de Lacan (p.29).

estas sejam diretas, sendo possível apenas ao longo de trajetos tortuosos”.

Brasileiros e judeus irmanados na crise, no chiste: nesse processo psíquico, o fator alívio toma o lugar da economia (Freud, 1905, p.182). Todos precisamos de alívio nesses tempos sombrios ... Daí o chiste, mais uma vez, velhaco hipócrita, mudando o foco de luz para desviar a atenção do afeto:

“ao término do processo chistoso, resta à terceira pessoa algo a mais, ou seja, um impulso à transmissão, um impulso a comunicar aquilo de que participou, a mais alguém. Não é que ela saiba, de todo o que lhe aconteceu, e nem que deseje saber mais. É que é retomado o movimento (motus) do desejo, que é o sucesso do Inconsciente” (Saliba, s/d, p.04).

O chiste privilegia o desejo em relação ao afeto. Mas desejo (resto da experiência da satisfação) e afeto (resto da experiência da dor) se integram, duas faces da mesma moeda, duas faces de Janus. Deseja-se porque se é afetado, pois do ser humano experiente que cuida do recém-nascido inexperiente, sobra sempre um resto inassimilável, “como uma coisa”.

Talvez aí esteja a derradeira velhacaria do chiste (derradeira em relação a este capítulo, é claro): o que ele hipocritamente subverte é o fato de que só dói mesmo quando se ri ...

4 SÓ DÓI QUANDO EU RIO

Até o momento foi possível verificar que o riso produzido pela situação cômica contagia, é sempre o riso de um grupo. Percebeu-se ainda que afeto e comicidade se excluem, conforme aponta Freud (1905, p.257):

“a liberação de afetos aflitivos é o maior obstáculo à emergência do cômico. Tão logo o movimento inútil produza um dano, ou a estupidez leve à maldade, ou o desapontamento cause dor, a possibilidade de um efeito cômico chega ao fim”.

O chiste, por sua vez, obscurece o afeto e, para acontecer, precisa ser contado: “partilhar o riso diante dos mesmos chistes evidencia uma abrangente conformidade psíquica” (Freud 1905, p.174). Ou seja, o chistoso também tem seu grupo. Como diz Lacan (1999, p.84): “para que meu chiste faça o outro rir, é preciso, segundo uma anedota relatada por Bergson, que ele seja da paróquia.” Por isso mesmo, é preciso que se escute mais além do que é dito: deve-se lembrar aqui que o chiste serve a dois amos ... E o humor? Parece que não pertence à paróquia alguma: o humorista, de certa maneira peculiar, é um solitário. O humor, para Freud (1905, p.257)

“completa seu curso dentro de uma única pessoa; a participação de alguma outra nada lhe acrescenta. Posso guardar a fruição do prazer humorístico que em mim se originou sem sentir obrigação de comunicá-lo.”

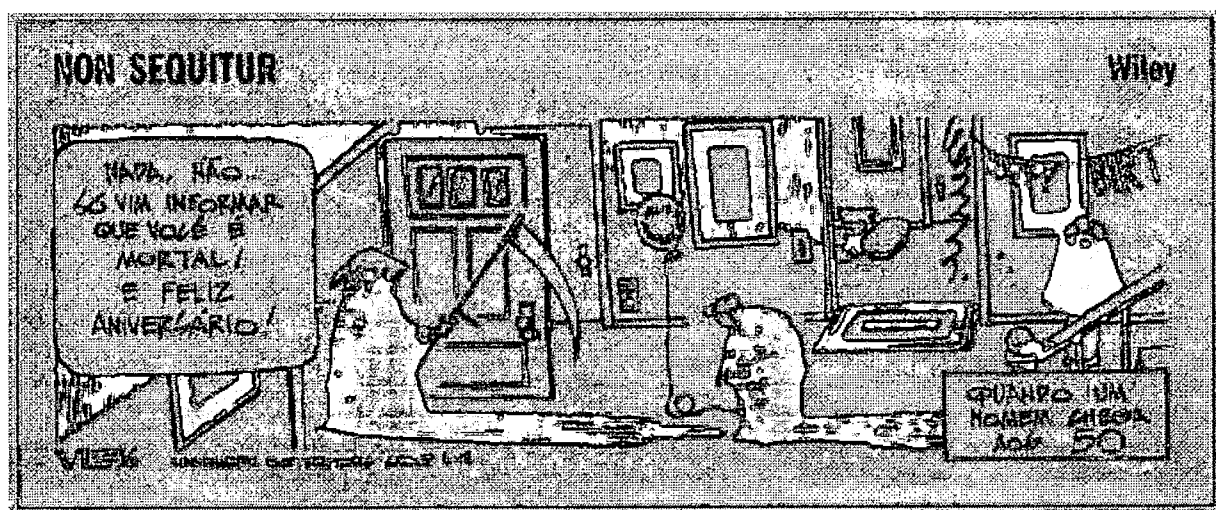
Se o cômico envolve duas pessoas e o chiste três, o humor diz respeito a uma pessoa só. Além do mais, o humor é um meio de se obter o prazer “apesar dos afetos dolorosos que interferem com ele; atua como um substituto para a geração destes afetos, coloca-se no lugar deles” (Freud 1905, p.257).

Há, assim, no humor, a economia de um afeto que não ocorre: em vez da dor, o riso, em vez da submissão, o desafio.

O humor é insubordinado, ri-se da diferença, sem denegá-la. Ri da morte, mesmo a reconhecendo como indesejada...

O humorista sabe do estranho que habita em si e não o rejeita, parte que é da humanidade barrada, errada. Da humanidade capturada pela linguagem. Não é à toa que Freud privilegia o “humor da força” (ou humor negro), citando, dentre outras, a história do vagabundo que, em seu caminho para execução, pede um lenço para cobrir a garganta e evitar um resfriado. Há um deslocamento do afeto: uma precaução razoável em outro contexto qualquer, torna-se absurda numa pessoa que brevemente terá o pescoço quebrado ... E o riso toma o lugar do sofrimento ... Ou o engloba? Não será o humor o riso do reconhecimento da morte? O riso diante do que não pode ser nunca articulado em palavras? Rir apesar disso? Apesar de tudo?

Figura 7: Humor da força, quase que em estado bruto ...



Fonte: O GLOBO, Caderno O Mundo. 2ª Edição. Domingo, 05/03/2000, p.04.

Questão tão antiga quanto a humanidade, como o demonstra o texto de Vernant (1991, p.68), ao estudar os mitos da Grécia Antiga:

“Nas paragens infernais, Treva, Pavor, aspectos e gritos monstruosos associam-se para exprimir a “alteridade” dos Poderes estranhos ao domínio das divindades celestes e ao mundo dos homens, a condição totalmente distinta de seres aos quais não se misturam nem deuses, nem homens, nem feras ...”

Frente ao pavor do indizível, frente ao horror da alteridade radical, o humor resiste, deslocando o afeto, produzindo, ao invés da paralisia reverente e aterrorizada, a irreverência do sorriso.

Figura 8: A irreverência do sorriso



Fonte: Jornal do Brasil, Caderno B, 24/04/2001, p. 7

Ou como dizia Stanislaw Ponte Preta, o humor desliza no perigoso terreno da galhofa. Essa a grandeza do humor: ele opera no limite do inapreensível, face ao não sentido do Real.

“Quando se vai para o Real é de fato cair na Real, é cair na verdade, ou seja, é quando se tem acesso à verdade absoluta. E, falar dessas coisas pode assustar e muito. O medo acontece, então, a única coisa que se pode fazer é brincar com a morte, porque sem brincadeira não tem saída” (Molina, 1989, p.28).

Nessa vertente, o humor, no seu sentido mais estrito, é uma posição diante da vida, uma posição de não compromisso com uma moralidade, de não compromisso com certezas, enfim, um compromisso de deixar tudo aberto a novas possibilidades.

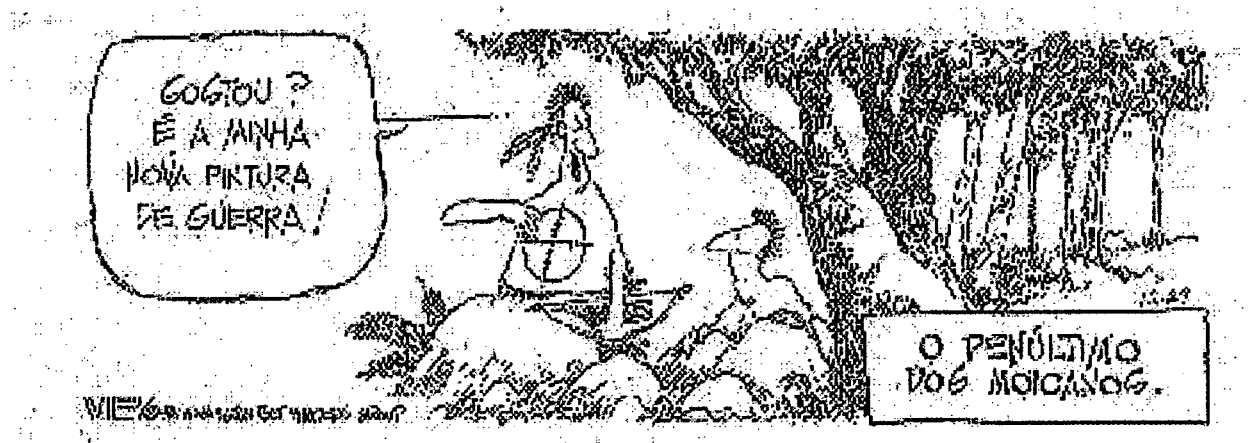
Se o cômico diz respeito à comparação de imagens (ao imaginário), se o chiste investe no simbólico, o humor privilegia o real, o estranho, o não articulável. O humorista ri da falta, ri da coisa que é impossível de palavras. Essa é a grandeza do condenado à morte que ainda se preocupa com o resfriado ...

A esse respeito, enfatiza Freud (1905: 258):

“Deve-se confessar que há nesta blague algo como que a magnanimidade na tenacidade com que o homem se agarra a seu habitual, recusando tudo que possa destruir esse eu e levá-lo ao desespero”.

Graças a esta tenacidade, ratifica ele vinte e dois anos depois (Freud,1927, p.191): “O humor possui uma dignidade que falta completamente, por exemplo, aos chistes, pois estes servem simplesmente para obter uma produção de prazer ou colocar essa produção, que foi obtida, a serviço da agressão”.

Figura 9: Um chiste tornando palatável o humor negro



Fonte: O Globo -1º. Caderno - 16/09/1993, p.14

Ainda a esse respeito, comenta Veríssimo, LF. (1984, p.12):

“Pergunta – O humor é necessariamente alguma coisa pra fazer rir, ou o humor, no sentido mais estrito, é uma posição diante da vida? Quer dizer, como é que você está diante da vida, mesmo quando você não é engraçado? Existe uma posição de não compromisso, por exemplo, que tenha a ver com o humor, de um não compromisso com uma moralidade, um não compromisso com certezas, um compromisso de deixar tudo sempre em aberto?”

VERÍSSIMO - É o seguinte. Eu sempre digo que um humorista é um utopista desencantado. Quer dizer, ele tem uma idéia da utopia, como as coisas deveriam ser e como as coisas não correspondem a essa idéia que ele tem. Então ele goza essa falta.

Pergunta – Quer dizer, é a forma dele tolerar a imperfeição.

VERÍSSIMO – É, e de conviver com a sua própria impotência de mudar a realidade. É uma forma de superar isso”.

É como se, face à “realidade”, isto é, ao fantasma que se tem sobre o que seja o real, o humorista dissesse: “se pelo menos não vivêssemos tentando ser felizes, até que poderíamos nos divertir bastante” (Castro, 1991, p.79).

Este humor é, por sua vez, mencionado no texto de seu pai, o escritor Érico Veríssimo, conforme relato de próprio punho, em palestra dada em Portugal durante o regime salazarista:

“No silêncio de expectativa que depois se faz, sinto que as minhas mariposas adormeceram, o vagotônico está ausente, e uma calma lúcida se apodera de mim. Faço então a minha mais longa conferência de que tenho lembrança. Principio dizendo que certamente o público estranhará meu português de gaúcho, que lhes há de parecer um pesado carro de bois carregado de pedras, já que no sul do Brasil insistimos em usar e até abusar do som das vogais. A seguir faço todas as acrobacias que sei, inclusive a de saltar de um trapézio para outro com os olhos vendados. Após uns cinqüenta e cinco minutos de monólogo, convido o público para um colóquio. Já nesta hora estamos como num serão familiar. Estudantes e não estudantes, alguns sentados no soalho do palco a meu redor, me atiram perguntas de toda natureza, inclusive algumas perigosamente políticas. Respondo de acordo com minhas possibilidades, porém mais uma vez, diante duma questão complicada, saio pela providencial porta do humorismo. Quem pode dar em poucos minutos sua fórmula para salvar o mundo das guerras e das crises econômicas? Ou definir a natureza de Deus? Ou ainda expor sua “filosofia de vida”?” (Veríssimo, E. 1978, p.142).

Tal fato remete à questão do superego, desdobramento do masoquismo primário e da pulsão da morte. O superego aponta para o gozo, cobra uma felicidade mais e mais e mais perfeita. É insaciável. Freud (1930), no “O Mal Estar na Cultura”, aponta a agressividade como inerente ao ser

humano: essa agressividade é introjetada, internalizada; ela é, na realidade, enviada de volta ao lugar de onde veio, isto é, ao ego. Aí é assumida por uma parte do ego, como superego, e então, sob a forma de consciência, está pronta a pôr em ação contra o ego a mesma agressividade rude que o ego teria gostado de satisfazer sobre outros indivíduos. Portanto, o superego implica na cobrança internalizada, na fatal inevitabilidade do sentimento de culpa advindo do ódio/amor ao pai.

Abra-se aqui espaço para um parágrafo interessante retirado de outro momento do mesmo livro de Érico Veríssimo e que diz respeito explicitamente a seu filho, Luís Fernando Veríssimo:

“Em meados de fevereiro de 1959 embarcamos para Portugal, num navio italiano. As *dramatis personae* de *O Arquipélago* foram mais uma vez postas em câmara frigorífica, mas eu levava a bordo comigo uma personagem viva que me interessava e intrigava de maneira particular: meu filho. Era ensimesmado, retraído e silencioso como eu fora na idade dele. Eu queria saber o que ele pensava de mim. Mais importante ainda: o que sentia por mim. Sua aceitação, seu amor eram-me tão necessários como o pão e o ar. Eu compreendia – e como! – que o fato de ser filho de um escritor conhecido constituía para ele uma espécie de rótulo incômodo que teria de carregar colado à pele vida em fora. Lembrei-me de que, havia algum tempo, tendo ele apenas doze anos, um dia em Torres fora convidado para jogar uma partida de tênis-de-praia com um médico de minhas relações, que mais tarde me relatou a estória. Como não conhecesse seu oponente – enquanto a bola ia e vinha – o Dr. P.P. submeteu-o a um breve interrogatório, naturalmente em voz muito alta. “Menino, como é o teu nome?” A resposta tardou alguns segundos. “Luís Fernando.” - “Luís Fernando de quê?” Nova pausa. “Veríssimo.” - “Parente do Érico?” Outro hiato. “Sou.” - “Mas que é que você é dele?” Nova hesitação. “Filho.” Este diálogo pareceu-me revelador de toda uma situação psicológica” (Veríssimo, E. 1978, p.16).

Por que estranhos caminhos literatura (arte) e humor mais uma vez se articulam na relação pai e filho, no processo de formação do homem? É curioso ler na enunciação do diálogo reproduzido no texto acima a forma pela qual o personagem nomeado Luís Fernando Veríssimo parece ter resolvido o peso suposto de ser filho de quem é: assim, o conhecido escritor torna-se pai do conhecido humorista.

Como diz Lacan (s/d-a, p.67): “O que herdaste de teu pai, conquista-o para fazê-lo teu”.

Este tema ódio/amor ao pai, posteriormente será desenvolvido por Lacan, no seminário sobre a Ética: para além da falta (ou culpa) decorrente da morte do pai primevo, para além da relação ao pecado, existe uma outra falta: a impossibilidade radical de o sujeito estar completamente inscrito na lei. O mito freudiano do pai primevo tenta responder a questões pertinentes à inserção sempre problemática do homem na civilização, na cultura. Narra ele que, certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos, pelo pai, do grupo em que viviam (horda primeva) retornaram juntos, mataram e devoraram este pai, colocando assim um fim à horda patriarcal.

“O violento pai primevo fora sem dúvida temido e invejado modelo para cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força” (Freud, 1913, p.170).

Pode-se perceber na ação dos filhos nesse mito freudiano, a mesma ambivalência manifestada pelos humanos: odiavam o pai, que representava um obstáculo aos seus anseios de poder e aos desejos sexuais, mas amavam-no e admiravam-no também. Após o seu sacrifício advém a culpa, o remorso, que tanto Freud como Lacan colocam como fundante do sujeito, ou seja, o pai morto tornou-se mais forte do que o fora quando vivo. Tal é a gênese do supereu.

E aqui se coloca a pergunta: qual a relação, em psicanálise, entre a lei e o supereu?

Responde Lacan (1995, p.216):

“A lei não é simplesmente aquilo sobre o que nos perguntamos porque, afinal, a comunidade dos homens nela é introduzida e

implicada. Ela também está baseada no real, sob a forma desse núcleo deixado atrás de si pelo complexo de Édipo, que a análise mostrou, de uma vez por todas, ser a forma real sob a qual se inscreve aquilo que os filósofos até então nos haviam mostrado com maior ou menor ambigüidade, como a densidade, o núcleo permanente da consciência moral – que sabemos se encarnar em cada sujeito sob as formas mais diversas, mais extravagantes, mais caricatas que se chama o supereu”.

É o supereu que assume a configuração interrogativa do desejo formulada por Lacan (1998, p.216) nos seus Escritos: *Che vuoi?* (O que queres?). Pergunta diabólica porque não há como escapar dela já que não pode ser inteiramente respondida pelo significante, ou seja, pela linguagem.

“O sujeito, filho ou filha, sustenta o pai porque este é o endereço privilegiado aonde dirige suas perguntas. O pai do infans revela-se como o esconderijo do saber do qual o sujeito se imagina separado, e mesmo excluído. Ora, do pai morto não cabe esperar resposta alguma. O pai morto é a marca de uma falta, de uma falta do Outro, especialmente de uma falta de saber. Por isso, o pai é tão freqüentemente imaginado com os traços do educador ou do iniciador. A única resposta que retorna ao sujeito quando interroga o pai morto é a castração, isto é, uma falta de gozo. Esta falta, que acompanha a revelação do pai morto, precede qualquer interdição. A interdição intervém para fazer desejar, pois deixa uma esperança – e pode mesmo justificar que o sujeito deseje em vão” (Silvestre, 1991, p.94).

Essa falta fundamental corresponde a um nível irrepresentável do psiquismo, plano em que o homem tem que se haver com o seu vazio. Voltando a Freud (1930, p.156):

“Matar próprio pai, ou abster-se de matá-lo não é realmente a coisa decisiva. Em ambos os casos, todos estão fadados a sentir culpa, porque o sentimento de culpa é uma expressão tanto do conflito devido à ambivalência, quanto à eterna luta entre Eros e a pulsão de destruição ou morte”.

Freud reforça assim a questão do conflito, como essencial no sujeito: Eros e Tanatos, satisfação e dor. Na leitura do “Projeto para uma Psicologia Científica”, é possível se verificar que o afeto (resíduo da experiência da dor), tanto quanto o desejo (resíduo da experiência da satisfação), envolvem aumento de tensão. Ambos buscam o alívio, pois a tensão é desprazerosa. Enquanto o desejo age por soma – como o impulso de passar adiante um chiste – o afeto age por “liberação súbita”; por isso, como afirma Freud: “pode-se concluir que a dor deixa atrás de si facilidades especialmente abundantes” (1895, p.339). Facilidades são caminhos novos que vão-se abrindo, novas possibilidades de se falar do inominável. A dor, o Real, o trauma são indelévels, produzem por isso mesmo defesas para se tentar sobreviver. Dentre estas defesas pode-se inserir o humor e a arte, como se pode exemplificar através dos textos dos dois Veríssimos, Luiz Fernando e Érico. É importante se observar que estes comentários se baseiam única e exclusivamente nos textos de tais autores, não havendo, nem podendo haver, por total impossibilidade ética e efetiva, qualquer tentativa de psicanálise selvagem por parte da autora dessa dissertação.

E, no entanto, segundo Freud (1950/1895, p.340), se

“o estado de desejo resulta numa atração positiva para o objeto desejado, ou mais precisamente, por sua imagem mnêmica, a experiência da dor leva à repulsa, à aversão por manter investida a imagem mnêmica hostil. Eis aqui a atração de desejo primária e a defesa/repúdio/primária (ou recalque)”.

Apresenta-se, mais uma vez, o paradoxo: se a dor é a mais facilitadora das experiências, porque então dela o homem se defende, porque dela o sujeito foge? Nesse sentido, pode-se pensar na defesa como o aproveitamento da dor como sinal, para transformá-la em algo utilizável – transformação que possibilita do vazio extrair uma (nova) significação. Como o humor o faz, desafiando as leis de uma sociedade que se estrutura em cima de normas que propõem dar garantias, desafiando a função do pai: “não entro para um clube que me aceita como sócio” diz Woody Allen (apud Castro, 1990, p.36). Realmente o humor é solitário, inquebrantável.

“O humor pode ser considerado como o mais alto desses processos defensivos. Ele desdenha retirar da atenção consciente o conteúdo ideacional que porta o afeto doloroso, tal como o faz o recalque, e assim domina o automatismo de defesa. Realiza isto descobrindo os meios de retirar energia da liberação de desprazer, já em preparação, transformando-a, pela descarga, em prazer” Freud (1905, p.207).

Utilizando as facilitações possibilitadas pela dor, o humor aponta para uma outra forma mais alta de defesa.

Sabe-se que a psicanálise privilegia o conceito de defesa, em detrimento do conceito de doença. Também não se trata mais de se buscar um padrão normal, mas de se entender como o sujeito se ordena, se estrutura para sobreviver a uma idéia intolerável. Basicamente, para Freud, toda a idéia se compõe de representação mais afeto. A partir disso, pode-se pensar, com Lacan (1988), em três hipóteses estruturais, a saber: neurose, psicose e perversão, cada uma privilegiando uma defesa específica.

No recalque, mecanismo de defesa do neurótico, a representação é desligada do afeto, tornando-se inconsciente. O afeto associa-se então a uma excitação somática (histeria) ou a outras representações (neurose obsessiva).

Na rejeição, mecanismo de defesa da psicose, afeto e representação são excluídos e retornam como que vindos “de fora”, sob a forma de alucinação.

Na perversão, há uma recusa de aceitação da castração.

“A criação do fetiche representa, então, uma solução de compromisso de duas atitudes opostas diante da realidade: a de reconhecimento e a do desmentido da castração que persistem e convivem ao longo da vida sem se influenciarem mutuamente. Freud chama de clivagem do eu a essa coexistência, no eu, de duas atitudes psíquicas opostas com relação à realidade da castração” (Werneck, 1991, p.19).

É interessante observar que o processo defensivo do humor, que conforme visto anteriormente, desdenha retirar da atenção consciente o conteúdo ideacional que porta o afeto doloroso, aponta assim para uma forma de gozo que nos parece diferente e não totalmente explicável via recusa (perversão) ou via rejeição (psicose). Talvez o humor implique então numa relação ao recalque, já que reconhece a lei do pai, relação essa diferente, no entanto, da posição neurótica. Freud chama a atenção para este intrigante e ainda inexplicável aspecto do humor, associando-o a uma – se assim pode-se dizer – flexibilidade do superego:

“O principal é a intenção que o humor transmite, esteja agindo em relação quer ao eu, quer a outras pessoas. Significa: “Olhem! Aqui está o mundo, que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças digno apenas de que sobre ele se faça uma pilhéria!

Se é realmente o superego que, no humor, fala essas bondosas palavras de conforto ao ego intimidado, isso nos ensinará que ainda temos muito a aprender sobre a natureza do superego. Ademais, nem todas as pessoas são capazes da atitude humorística. Trata-se de um dom raro e precioso, e muitas sequer dispõem da capacidade de fruir o prazer humorístico que lhes é apresentado. E finalmente, se o superego tenta, através do humor, consolar o ego e protegê-lo do sofrimento, isso não contradiz sua origem no agente paterno” (1927, p.194).

O humor desafia, pois, a tirania do pai:

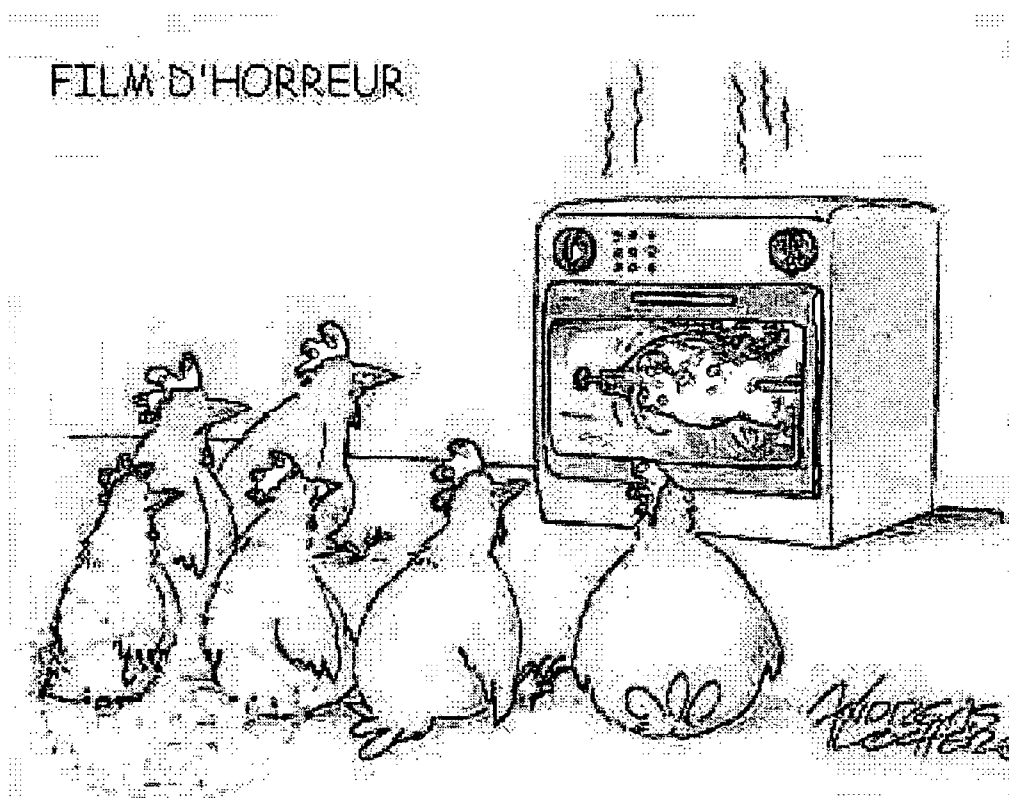
“O humor é corajoso. Recusa a covardia e a tristeza, contracenando através de bendizer o nonsense e o absurdo. Com isso, ele testemunha a estrutura de falta que é o Inconsciente, no seu ponto opaco do ridículo da lei” (Saliba, 1992, p.75).

Como já foi comentado anteriormente, o humor completa seu curso dentro de uma única pessoa; a participação de alguma outra nada lhe acrescenta. Além do mais, o humor é um meio de se obter prazer apesar

dos afetos dolorosos que interferem com ele; atua como substituto para a geração desses afetos, coloca-se no lugar deles.

“Seria necessário passar em revista todas as oportunidades que temos de rir, pois são muito diversas, e veríamos que o riso é sempre a reação a algo negativo, hostil, assustador ou angustiante – mas de tal modo que se possa aceitar como uma brincadeira sem importância. Há sempre um meio – ainda quando as coisas vão mal e não se pode fazer nada – de recorrer ao riso e esse recurso desesperado chama-se humor. (...) Nesse grau o riso tem um componente heróico. Aliás, se o humor faz rir, é aos outros que faz rir. O humorista não ri” (Mannoni, 1992, p.135).

Figura 10: Um recurso desesperado



Fonte: martas@domain.com.br, colaboração enviada em 18/07/2000

Há, assim, no humor, a economia de um afeto que não ocorre: em vez da dor, o riso, em vez da submissão, o desafio. O humorista sabe do estranho que habita em si, reconhece a diferença, acolhe a falha. Talvez o

humor seja o riso diante da nossa condição mortal. Sua grandeza reside em operar face ao não sentido do Real.

O humor desafia o estranho, o diferente; “domestica-o”. Ou, pelo menos, tenta. Freud (1919, p.277), no seu texto O Estranho, escreve:

“Direi, de imediato que ambos os rumos conduzem ao mesmo resultado: o estranho é aquela categoria de assustador que remete ao que é conhecido de velho, e há muito familiar”.

Páginas tantas, neste mesmo texto, menciona Hoffmann e seu conto ‘O Homem da Areia’ fazendo o seguinte comentário:

“Não posso achar – e espero que a maioria dos leitores concorde comigo, que o tema da boneca Olímpia seja o elemento mais importante a que se deva atribuir a inigualável atmosfera de estranheza evocada pela história” Freud (1919, p.277).

Para Freud (1919, p.277), o tema principal do conto, e que causa, segundo ele, todo o desconcerto no texto, é o tema recorrente do homem de areia, que arranca os olhos das crianças, um equivalente europeu aproximado do nosso conhecido “bicho-papão”. Curiosamente, ao reler o conto citado, a autora dessa dissertação teve sua perspectiva dirigida para outro ponto do texto, diferente do considerado central por Freud. Para ela, o foco do problema se origina a partir de um comentário aparentemente periférico à história contada por Hoffman.

Segue-se o trecho em questão:

“Mas os mui honrados senhores, não se tranquilizaram com aquilo; a história do autômato havia causado uma profunda impressão na alma deles, e, de fato, cresceu sorrateiramente uma abominável desconfiança com relação a figuras humanas. A fim de se convencerem por completo de que não estariam amando uma boneca de madeira, vários amantes exigiram que as amadas cantassem e dançassem um pouco fora do ritmo que, ao ouvirem uma leitura, bordassem, tricotassem, e brincassem e falassem às vezes de uma maneira que as palavras demonstrassem o que realmente pensavam e sentiam.

As uniões amorosas de muitos tomaram-se mais sólidas e gentis, outras, ao contrário, acabavam-se aos poucos “nunca se pode saber com certeza”, dizia um ou outro” (Hoffman, 1993, p.143-44).

O texto acima, indubitavelmente, faz um contraponto pelo humor, às desgraças do apaixonado estudante, mas aponta para uma questão bem conhecida dos psicanalistas: que mulher é esta? O que é uma mulher? Como age esta estranha e imprevisível criatura? O que ela quer?

“Ora, se a feminilidade constitui tamanho enigma, se Freud fracassou em descobrir seu segredo, não é precisamente por que ela nos confronta com outra coisa que não o recalcado? Só o significante pode ser recalcado. E se A Mulher não existe, para retomar a fórmula de Lacan, se o significante da feminilidade faz falta, deve-se deduzir daí que a feminilidade não pode fazer parte do recalcado: alguma coisa ali é impossível de se recalcar” (André, 1987, p.286).

Como bem diz Hoffmann, quanto ao feminino, nunca se pode ter certeza ... E face a este indizível, só o humor atenua o horror:

“Quando Lacan fala nesse ‘além’, nesse ‘a mais’ do gozo feminino, nesses deslizamento e deslocamento incessantes do gozo da mulher, que fatalmente desembocariam no lugar de Deus, ele está falando de um além da linguagem circunscrito, determinado, construído e designado pelos limites da linguagem. E nisso não há qualquer metafísica. ‘Passadas as bordas não há limites” (Castelo Branco & Silviano Brandão, 1995, p.74).

Como no humor, a arte pressupõe também um abrandamento, uma flexibilidade, um determinado grau de frouxidão no recalque, um saber lúdico. Para Freud, (1917, p.439) o artista

“conta com uma intensa capacidade de sublimação e com determinado grau de frouxidão no recalque, o que é decisivo para um conflito. O artista encontra, porém, o caminho de retorno à realidade da maneira expressa a seguir. A dizer a verdade, ele não é o único que leva uma vida de fantasia. O

acesso à região eqüidistante da fantasia e da realidade é permitido pelo consentimento universal da humanidade, e todo aquele que sofre privação espera obter dela alívio e consolo. Entretanto, para aqueles que não são artistas, é muito limitada a produção de prazer que se deriva das fontes da fantasia. A crueldade de seus recalques força-os a se contentarem com esses estéreis devaneios aos quais é permitido o acesso à consciência. Um homem que é um verdadeiro artista, tem mais coisa à sua disposição”.

Parece que há aí um certo paralelismo entre artista e humorista nessa maior flexibilidade do supereu, nessa maior capacidade de produzir sentido, e, por isso mesmo, nessa capacidade de administrar um número bem maior de recursos para, digamos, peitar o real.

É constante no texto freudiano a aproximação da arte (sublimação) com o humor, na busca de uma ética, de uma reflexão sobre a ação. Ambos vão mais além da moral, do bem comum; ambos são formas de acusar a diferença, a estranheza, e assim mesmo, obter prazer, alívio e consolo. Arte e humor são modelos de bem dizer. Neste sentido, Freud corrobora afirmando:

“O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade”, (1908, p.150).

Da mesma maneira, continua ele, o ser humano,

“como adulto, pode refletir sobre a intensa seriedade com que realizava seus jogos na infância, equiparando suas ocupações do presente, aparentemente tão sérias, aos seus jogos de criança, pode livrar-se da pesada carga imposta pela vida e conquistar o intenso prazer proporcionado pelo humor” (1908, p.150).

Nem todos são artistas; nem todos são humoristas. Talvez a maioria de nós se leve muito a sério para fruir do humor. Nele, a seriedade é trocada pela brincadeira, a fixidez da linguagem é preterida pela mobilidade do jogo, mobilidade essa bem marcada no texto freudiano com o jogo do Fort-Da: Freud observava o comportamento do seu neto brincando com o carretel preso a uma linha e assim simbolizando a chegada e a saída de sua mãe: Fort! (lá); e Da (aqui). E verifica com estranheza que o maior entusiasmo do menino se manifesta quando seu movimento representa a ausência materna, o que o faz começar a pensar no mais além do princípio do prazer, algo além do prazer. É a pulsão de morte, que Lacan posteriormente associará ao gozo.

“Se levarmos em consideração observações como essas, baseadas no comportamento, na transferência e nas histórias da vida de homens e mulheres, não só encontraremos coragem para supor que existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer, como também ficaremos agora inclinados a relacionar com essa compulsão os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas e o impulso que leva as crianças a brincar (Freud, 1920, p.46).

Há, portanto, nos sonhos, no brincar, no humor, na arte, no humano, enfim, algo da ordem do mortífero, algo da ordem da destruição, algo da ordem da incompletude, algo da ordem da impossibilidade. Contra o absolutismo da moral, o humor e a arte apontam para a flexibilidade inflexível da ética do sujeito, da ética da falta. Como escreve Lewis Carroll (s/d, p.246) no brilhante diálogo entre Alice e o Unicórnio, traduzido, ou melhor, traído pela autora dessa dissertação:

“Eu sempre pensei que crianças fossem monstros fabulosos!
Disse o Unicórnio. Este exemplar está vivo?”

Alice não pôde evitar um sorriso, ao dizer:

- Sabe, eu sempre pensei que Unicórnios também fossem monstros fabulosos! Eu nunca vi um vivo antes!

Bem, agora que já nos vimos, disse o Unicórnio, se você acreditar que eu existo eu acreditarei que você existe. Combinado?”

Há que se reconhecer, com a devida humildade, que o original é mil vezes melhor. Aqui vai ele:

“I always thought they were fabulous monsters!” said the Unicorn. “Is it alive?” “It can talk”, said Haigha solemnly.

The Unicorn looked dreamily at Alice, and said, “Talk, child!”

Alice could not help her lips curling up into a smile as she began: “Do you know, I always thought Unicorns were fabulous monsters, too! I never saw one alive before!”

“Well, now that we *have* seen each other,” said the Unicorn, “if you’ll believe in me, I’ll believe in you. Is that a bargain?”

No texto de Carroll, o humor enfatiza o paradoxo do ser humano barrado, capturado pela linguagem. Sem garantias, e ainda assim, rindo. Rindo, talvez, pela própria falta de garantias. Os muito seguros de si não podem rir porque acreditam não poder falhar: recusam a falta inerente ao ser humano.

Figura 11: Cândida, a otimista⁵ ou a certeza absoluta



Fonte: Jornal do Brasil, Caderno B, 02/02/1995, p.03.

Esta recusa à castração implica numa maior ferocidade e tirania do supereu, numa cobrança interna dolorosa de perfeição absoluta. Como

⁵ O nome “Cândida” é uma evidente alusão ao personagem excessivamente otimista, doutor Pangloss, do livro “Cândido” de Voltaire.

observa Lacan (1992, p.62), é terrível se tentar bancar Deus o tempo todo. Em termos de castração é preciso reconhecer a perda, a falta, para ganhar. É nesse ponto que o humor pode entrar como um poderoso e eficaz recurso. Contra o fardo de se ter que continuamente provar uma perfeição impossível, o humor pode funcionar muitíssimo bem. E funciona.

Talvez também esteja aí a única garantia que o humor possa dar: a de que não se é jovem o bastante para saber tudo. Assim há sempre a possibilidade do recomeço.

A ser verdade a tirada de Joaquim de Assis (Apud Prado, 1984, p.23), o humor testemunha que “já não somos mais aqueles. E nem esses.” Sem certeza de nada. E quem sabe nisso resida a douda ignorância que aproxima humor e psicanálise ...

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

5.1 Considerações Finais

Para concluir esta dissertação que objetivou fornecer alguns substratos para pensar a produção do riso, a partir dos textos de Freud e Lacan, deve-se salientar que restaram mais questões do que respostas. O que era altamente previsível. Não é de hoje que Monteiro Lobato (1956, p.11) comenta:

“Existe toda uma biblioteca sobre o humor, onde cem autores tentam defini-lo, como há também inúmeras definições sobre arte e mil remédios para a tosse. Essa abundância é comprometedora. Prova que humor e arte são indefiníveis e a tosse incurável”.

Aqui vale uma oportuna observação: a palavra “definir”, etimologicamente, significa finalizar, dar fim (do latim finire), conceito este ausente na postura psicanalítica que visa a questionar sempre. Porque definir seria negar a falta essencial ao ser humano, seria dar-lhe fim. Portanto, este trabalho não pretende definir nada; pelo contrário, se possível, pretende tentar abrir caminhos. Exatamente como o fazem o cômico, o chiste e o humor:

“Não sei onde li uma vez sobre a comparação da comédia com a tragédia. A comédia sempre dava a idéia do ciclo, de uma coisa que ia começar, enquanto a tragédia sempre dava a idéia da coisa que acabava. Enquanto a tragédia é a negação do ciclo do recomeço, a comédia nos defronta com a continuidade e a transitoriedade da vida” (Veríssimo, LF, apud Prado, 1984, p.14).

Transitoriedade esta própria do homem, que sabe que vai morrer, embora escamoteie este saber por uma questão de sobrevivência. E isto o diferencia dos outros animais.

Pode-se supor o animal chamado "irracional" numa relação biunívoca entre imagem e objeto. Isto seria da ordem do instinto, do natural. E se refere, em tese, ao animal bem sucedido, isto é, àquele que jamais foi capturado. Nele, o que nos fascina é "o encaixe perfeito, a simetria entre objeto real e imagem que lhe permite procurar seu parceiro específico à maneira como a chave procura a fechadura ou a fechadura procura a chave" (Lacan, 1986, p.171).

Esta captura vai muito mais além da mira de um tiro de fuzil, vai muito mais além de uma gaiola; é a captura da linguagem. Se linguagem é a capacidade de o homem se comunicar por meio de signos vocais, ela surge de uma necessidade de sobreviver. Isto porque o bebê humano é indefeso; antes de nascer já é capturado pela linguagem, conforme estudo realizado reiteradamente no decorrer deste texto. Por isso o sujeito se insere no âmbito da pulsão e da cultura. A pulsão (do alemão *trieb*), algo entre o somático e o psíquico no dizer de Freud (1915), foi o termo escolhido para denominar no humano, aquilo que no animal seria da ordem do instinto. No que diz respeito ao ser humano falante, o natural já está perdido, se é que alguma vez existiu.

"É evidente que, até certo ponto o ser humano está predestinado a falar, mas em virtude da circunstância de não ter nascido meramente na natureza, e sim no regaço de uma sociedade, cujo escopo racional é chamá-lo para suas tradições" (Sapir, 1988, p.17).

Portanto linguagem humana e cultura são indissociáveis, a tal ponto que podemos radicalizar dizendo que não há cultura sem linguagem. Cada cultura se funda e se transmite a partir de sistemas chamados "línguas". À manifestação individual, atualizada da língua, chamamos fala. Língua e fala, como sabemos desde Saussure, são indissociáveis, duas faces da mesma moeda. Além do mais, se a língua é uma estrutura, um sistema de oposições e correlações, é ela que serve então de suporte ao pensamento, "se é que existe pensamento sem linguagem" (Saussure, 1991, p.65), tese que se presta a inúmeras confusões e inúmeras discussões, até o presente momento infrutíferas e que não vêm ao caso nesse trabalho.

É por esta estrutura que o inconsciente, no dizer de Lacan, pode-se articular pegando carona para se apresentar sob forma de sonhos, sintomas, atos falhos, chistes etc.

O homem fala, pois, não porque é o mais sábio, e sim porque é o mais desamparado dos animais. Tal assertiva nos remete ao texto de Cortazar e a seus personagens, os cronópios, as famas e as esperanças:

História

"Um cronópio pequenininho procurava a chave da porta da rua na mesa de cabeceira, a mesa de cabeceira no quarto de dormir, o quarto de dormir na casa e a casa na rua. Por aqui parava o cronópio, pois para sair à rua precisava da chave da porta" (Cortazar, 1972, p.132).

Humano: sem clave e sem chave, sem saída. Freud já apontava que do complexo do ser humano experiente sobra sempre um resto inassimilável, um significado barrado, jamais alcançado. Isto funda o sujeito, porque o obriga a entrar numa ordem que a ele preexiste: paradoxalmente, o sujeito da linguagem é também sujeito à linguagem, assujeitado à linguagem. A gente se engana quando pensa que fala somente o que quer. Na verdade, fala-se porque se é falado e pela fala se tenta recuperar a imagem completa do que jamais se foi: simbólico e imaginário se integram na metonímia do desejo, em busca do real, sempre faltoso.

É por isso que a palavra é a morte da coisa, torna presente a ausência e a ausência presente:

"Porque é na medida em que o símbolo permite essa inversão, quer dizer, anula a coisa existente, que ele abre o mundo da negatividade, o qual constitui, ao mesmo tempo, o discurso do sujeito humano e a realidade do seu mundo enquanto humano" (Lacan, 1986, p.201).

Alienação na imagem do outro; separação do outro, eis o que a fala institui: o que separa o eu do tu é o que os une, paradoxo constitutivo do estatuto humano. Mas há saídas possíveis para esta captura do sujeito: mencionar-se-ão agora duas delas.

A primeira saída remete, novamente ao texto de Cortazar, a outro tempo da história de um mesmo/outro cronópio, de um mesmo/outro sujeito, de uma mesma/outra "personagente":

Tartarugas e cronópios

"Agora acontece que as tartarugas são grandes admiradoras da velocidade, como é natural.

As esperanças sabem disso e não ligam.

As famas sabem e caçoam.

Os cronópios sabem e cada vez que encontram uma tartaruga, puxam a caixa de giz colorido e na lousa redonda da tartaruga desenham uma andorinha" (Cortazar, 1972, p.157).

Há uma "opção cronópio", pessoal e intransferível, apesar da transferência: trocar a impotência pela incompletude. Há que se encarar o vazio fundante, morte que possibilita criação. Que o homem aja e crie, já que é desamparado e perdeu a chave que nunca teve. Se errar é do humano, é somente porque criar é também do humano, ou vice-versa, tanto faz. É por isso que podemos dizer que o homem, sujeito ao inconsciente, é o mais mal sucedido de todos os animais.

Afetado pela perda do que nunca teve, o sujeito deseja de várias maneiras, por várias vias: desejo impossível, irrealizável. Uma dessas vias foi objeto deste estudo: a produção do riso, ou seja, o cômico, o chiste e o humor – que se constitui assim na segunda saída possível para o sujeito falante:

"Há, em nós e no mundo, algo que se revela e que o conhecimento não nos havia dado, e que se situa unicamente como não podendo ser atingido pelo conhecimento. É, me parece, disso que rimos" Bataille (apud Alberti, 1999, p.14).

Por isso, a experiência do riso para a Psicanálise deve ser a experiência do não-saber. Nietzsche, no começo de "A gaia ciência" afirma que talvez ainda haja um futuro para o riso. Nesse futuro, diz ele, "talvez o riso se tenha ligado à sabedoria, talvez exista então apenas a 'gaia ciência'" (Nietzsche, apud Alberti, 1999, p.16).

O que faz com que sejam lembrados, mais uma vez, os cronópios, as famas e as esperanças.

A foto saiu fora de foco

“Um cronópio vai abrir a porta da rua e ao enfiar a mão no bolso para pegar a chave o que tira é uma caixa de fósforos; então este cronópio fica muito aflito e começa a pensar que se em vez da chave ele encontra os fósforos, seria terrível que o mundo se houvesse deslocado de repente, e então se os fósforos estão no lugar da chave, pode acontecer que ele ache a carteira de dinheiro cheia de fósforos, e o açucareiro cheio de dinheiro, e o piano cheio de açúcar, e o catálogo do telefone cheio de música, e o armário cheio de assinantes, e a cama cheia de roupas, e as jarras cheias de lençóis, e os bondes cheios de rosas, e os campos cheios de bondes. Assim este cronópio fica horrivelmente aflito e corre para se olhar no espelho, mas como o espelho está um pouco de lado, o que ele enxerga é o guarda-chuva do vestibulo, e suas desconfianças se confirmam e ele desata a soluçar, cai de joelhos e junta suas mãozinhas nem sabe para que. Os famas vizinhos acodem para consolá-lo, e também as esperanças, mas passa-se muito tempo antes que o cronópio saia de seu desespero e aceite uma xícara de chá, que olha e examina muito antes de beber, não vá acontecer em lugar de uma xícara de chá seja um formigueiro ou um livro de Samuel Smiles⁶” (Cortazar, 1972, p.135).

Pode-se rir da insegurança do cronópio, a cólica é dele, e não do leitor. Pode-se rir do absurdo chistoso, pois o texto brinca com uma enumeração nos limites da linguagem, enaltecendo-a e paradoxalmente apontando sua impossibilidade: “e os bondes cheios de rosas, e os campos cheios de bondes” ...

⁶ O livro de Samuel Smiles, muito usado no começo do século passado, era considerado terrivelmente tedioso. Encontrar um livro daqueles no bolso seria igualmente um pesadelo.

Pode-se, por outro lado, reconhecer-se também como parte da comunidade dos cronópios, seres inseguros e incertos, barrados e errados; risíveis, mas não ridículos: com a percepção de prazer que o humor possibilita. Isto porque a diferença do cronópio é a diferença pertinente a cada um dos humanos.

Por tudo isso, só o humor é desafiante – desafia a tirania do pai; aceita a castração, mas não abre mão do gozo. Freud revela em seu texto sua perplexidade e admiração face à coragem do humor.

“Já é hora de nos familiarizarmos com algumas das características do humor. Como os chistes e o cômico, o humor tem algo de liberador a seu respeito, mas possui também qualquer coisa de grandeza e elevação que faltam às outras duas maneiras de obter prazer da atividade intelectual. Essa grandeza reside claramente no triunfo do narcisismo, na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego. O ego se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade, a permitir que seja compelido a sofrer. Insiste em que não pode ser afetado pelos traumas do mundo externo; demonstra, na verdade, que esses traumas para ele não passam de ocasiões para obter prazer. Esse último aspecto constitui um elemento inteiramente essencial do humor” (Freud, 1927, p.190).

Admiração que se evidencia pelas altas qualidades que lhe atribui: magnanimidade, nobreza e, sobretudo, dignidade:

“Essas duas últimas características – a rejeição das reivindicações da realidade e a efetivação do princípio do prazer – aproximam o humor dos processos regressivos ou reativos que tão amplamente atraem nossa atenção na psicopatologia. Seu desvio da possibilidade sofrimento coloca-o entre a extensa série de métodos que a mente humana construiu à fim de fugir à compulsão para sofrer – uma série que começa com a neurose e culmina com a loucura, incluindo a intoxicação, a auto-absorção e o êxtase. Graças a essa vinculação, o humor possui uma dignidade que falta completamente, por exemplo, aos chistes,

pois estes servem simplesmente para obter uma produção de prazer ou colocar essa produção, que foi obtida, a serviço da agressão” (Freud, 1927, p.191).

Parece que o humor focaliza a vida sob uma ótica particular que “desdramatiza”, com o perdão do neologismo, os problemas, as angústias, o conflito do cotidiano. Até uma guerra pode ser redimensionada pelo poder corrosivo do humor como vemos no texto abaixo que, como sói acontecer com os produtores de riso aqui estudados, engloba o cômico, o chiste e o humor, mas que pode ser estruturalmente considerado como um produto do humor:

CONTRA O CANADÁ

(Luís Fernando Veríssimo)

“Estou pronto para cumprir o meu dever cívico de hostilizar o Canadá, que não só não quer nos deixar vender nossos aviões como não quer mais comprar a nossa carne e ainda nos intriga com os Estados Unidos.

Só não sei bem como colaborar com as represálias. Procurei em vão por algo canadense para quebrar, em casa. Não conheço nenhum canadense para, pelo menos, ligar para ele no meio da noite e xingar a mãe.

Os dois únicos canadenses no meu universo de referências são Oscar Peterson e Saul Bellow, mas os dois são americanos que só nasceram no Canadá. E, assim mesmo, não quero envolver meus discos e livros nisso. A Arte deve se manter acima das questões entre nações e mesmo nos piores momentos entre Brasil e Argentina nunca deixei de ouvir meu Piazzola, baixinho. Se bem que, na próxima vez que a TV mostrar aquele filme em que o Nelson Eddy é da polícia montada canadense, trocarei de canal acintosamente.

Só me resta combater o Canadá com as poucas armas que dispõe o jornalismo. Como, no caso, a calúnia.

Dizem que o Canadá é tão chato que aos sábados à noite toda a população cruza a fronteira para fazer a farra nos Estados

Unidos. – E ninguém nos Estados Unidos nota! Tão chato que é lá que os finlandeses vão fazer pós-graduação em aborrecimento. Tão chato que eles chamam afrouxar a gravata de “orgasmo”.

A principal contribuição do Canadá para as artes plásticas do mundo é o boneco-de-neve.

Como é que se sabe que um canadense está se divertindo? Quando ele sorri, dormindo.

A densidade demográfica do Canadá é baixa porque o que um canadense mais quer é distância do outro.

Quantos canadenses são necessários para trocar uma lâmpada? Todos, mas vá encontrar os outros ...

As duas profissões mais comuns no Canadá são lenhador e urso, mas para ser urso tem de fazer concurso.

Qual a diferença entre sexo com peixe frio e sexo com um canadense? Não se sabe porque ninguém ainda se animou a fazer a segunda parte da pesquisa.

É um fato notório que todo canadense come meleca.

Pronto. Fiz a minha parte como cidadão. Para eles saberem com quem estão se metendo” (joaocarlos@bitsbytes.com.br, colaboração enviada em 25/02/2001).

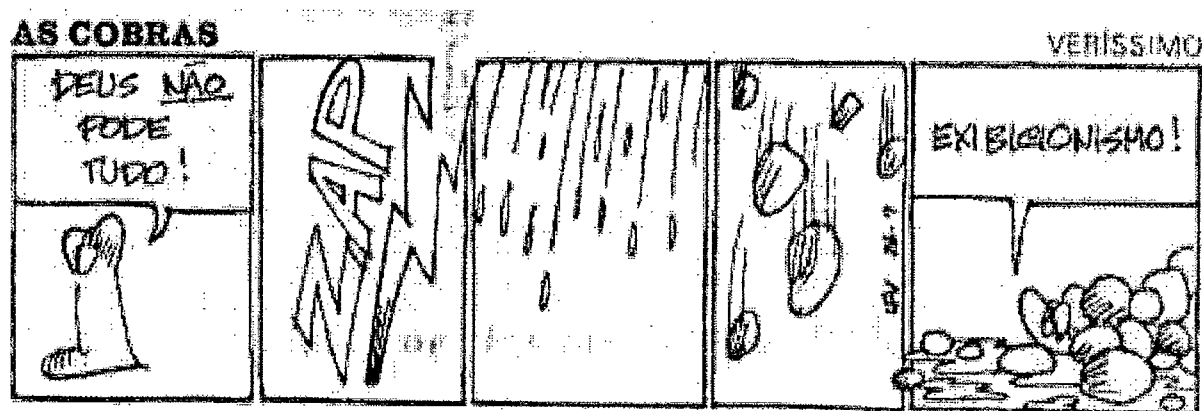
Que se possa rir sempre que possível, essa é a aposta e a proposta feita no decorrer desta dissertação. Sem prescindir do cômico e do chiste, que se busque cada vez mais o humor. Vale aqui lembrar, mais uma vez, que a estrutura do sujeito é formalizada por Lacan (1974) com o nó borromeano, o que implica na imbricação dos três registros, a saber, Imaginário, Simbólico e Real e que na presente dissertação foram associados respectivamente ao cômico, ao chiste e ao humor.

Imaginário e simbólico são necessários e insubstituíveis, mas é no encontro com o Real, com o vazio, que está a verdadeira possibilidade de criação. Que o homem aja e ria, já que nasceu desamparado, perdeu a chave que nunca teve e sua foto saiu fora de foco ...

Reconhece-se que há outras formas de sobreviver, talvez mais nobres, talvez mais úteis, talvez mais eficazes. Ainda assim, o presente texto aposta no riso, essa pequena coisa que nada vale, mas que é insubstituível: rir, apesar de tudo.

Por isso mesmo, que o humor tenha, no presente trabalho, a última palavra:

Figura 12: A coragem do humor



Fonte: Jornal do Brasil, 26/07/1992, p.05.

5.2 Recomendações para Trabalhos Futuros

“Todos conhecem Procusto. De acordo com uma lenda grega, era um salteador de estrada que oferecia sua hospitalidade aos viajantes perdidos. Deitava-os numa cama de ferro e, se eles fossem mais compridos do que a cama, cortava-lhes o que a excedia. Se fossem mais curtos, alongava-os à força. Era, por assim dizer, um normalizador. Façamos dele o patrono daqueles que elaboram testes e submetem os outros a eles, ou dos que confiam em alguma forma de reeducação. O objetivo da psicanálise é, no entanto, diferente: consiste em fazer com que os analisandos se tornem, não consentâneos com a norma, e sim consigo mesmos” (Mannoni, 1992, p.81).

É nesse sentido que a Psicanálise funciona como grande facilitadora de novas possibilidades de estudo, já que ela nunca se fecha em definições. Pelo contrário, abre-se para articulações com diferentes campos do saber, como a lingüística, a literatura, a filosofia, a topologia e outros mais que se apresentarem. Por isso, é relativamente fácil indicar outras trilhas para estudos posteriores.

Exemplificando, é possível perceber através de todo o texto que o cômico não cria questão; ainda assim, há nele uma denúncia passiva, pacificada pelo riso. Essa denúncia, feita desta maneira, não desafia a lei. Não é à toa que as mais rígidas ditaduras providenciam pão e circo para o povo. Nessa perspectiva, pode-se sugerir, para pesquisas ulteriores, uma associação entre comicidade e histeria.

Um chiste se faz, é ativo; implica num trabalho refinado de desvio de uma pulsão agressiva. Agressividade contra o pai. É de se notar nas anedotas chistosas a alta incidência de padres, rabinos, portugueses, casamenteiros ... Que nada mais são do que imagens paternas. Mas, o chiste é um velhaco hipócrita, desafia não desafiando: à língua, (ao pai) ele acede, aprimorando-a. Por tal fato, aqui valeria também uma posterior aproximação entre o chiste e a neurose obsessiva. Aliás, é interessante observar as freqüentes ligações feitas por Freud entre os processos obsessivos e os chistosos, como ocorre no texto *O Homem dos Ratos*.

Humor e arte são freqüentemente aproximados em psicanálise. Nessa perspectiva, o humor também não pode ser pensado como uma vicissitude da pulsão? Questão polêmica, que por isso mesmo, fica aberta a discussões futuras ...

De qualquer maneira, parodiando Augusto Matraga, personagem de Guimarães Rosa, tudo tem sua hora e sua vez ... Há tempo ainda para estes projetos futuros, salvo seja um imprevisível encontro com o Real. Tudo tem seu ritmo. E como dizia o poeta al-Harriri, (apud Freud, 1920, p.85),

“Ao que não podemos chegar voando, temos de chegar manquejando. (...) O Livro diz-nos que não é pecado claudicar”.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Trad. DUQUE-ESTRADA, Dulce. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética – A teoria do romance**. 4^a. ed. Trad. BERNADINI, Aurora Fornoni et al. São Paulo: UNESP, 1998.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. PERRONE, Leyla. São Paulo: Cultrix, 1980.

BERGSON, Henri. **O riso**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara. 1987.

bitsbytes@bitsbytes.com.br, colaboração enviada em 24/04/2001.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de Filologia e Gramática**. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1964.

CASTELO BRANCO, Lúcia e SILVIANO BRANDÃO, Ruth. **Literaterras: as bordas do corpo literário**. Belo Horizonte: UFMG, Annablume, 1995.

CASTRO, Ruy. **O melhor do mau humor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **O amor de mau humor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CLEMENT, Catherine. **Vidas e Lendas de Jacques Lacan**. Trad. KNEESE, Maria Clara. São Paulo: Moraes, 1983.

CORTAZAR, Júlio. **Histórias de Cronópios e de Famas**. Trad. RODRIGUES, Glória. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

daviac@ajato.com.br, colaboração enviada em 24/04/2001.

ECO, Humberto. **O Nome da Rosa**. Trad. BERNARDINI, Aurora e ANDRADE, Homero de. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

ffialho@eps.ufcs.br. Pesquisa realizada em 10 de abril de 2001.

filipo@domain.com.br, colaboração enviada em 21/04/2001.

FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas**. Trad. MUCHAIL, Salma. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Trad. SALOMÃO, Jayme. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Projeto para uma Psicologia Científica (1895-1950). In: **Obras Completas**. Vol. I. Dir.Trad. SALOMÃO, Jayme. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Primeiras Publicações Psicanalíticas (1893-1899). In: **Obras Completas**. Vol. III. Dir.Trad. SALOMÃO, Jayme. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. A Interpretação dos Sonhos – Parte II (1900-1901). In: **Obras Completas**. Vol. V. Dir.Trad. SALOMÃO, Jayme. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana (1901). In: **Obras Completas**. Vol. VI. Dir.Trad. SALOMÃO, Jayme. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Os Chistes e sua relação com o Inconsciente (1905). In: **Obras Completas**. Vol. VIII. Dir.Trad. SALOMÃO, Jayme. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Gradiva de Jensen e outros trabalhos (1906-1908). In: **Obras Completas**. Vol. IX. Dir.Trad. SALOMÃO, Jayme. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Totem e Tabu e outros trabalhos (1913-1914). In: **Obras Completas**. Vol. XIII. Dir.Trad. SALOMÃO, Jayme. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. A História do Movimento Psicanalítico, artigos sobre Métodos da Psicologia e outros trabalhos (1914-1916). In: **Obras Completas**. Vol. XIV. Dir.Trad. SALOMÃO, Jayme. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Conferências introdutórias sobre Psicanálise – Parte III (1916-1917). In: **Obras Completas**. Vol. XVI. Dir.Trad. SALOMÃO, Jayme. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. História de uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1919). In: **Obras Completas**. Vol. XVII. Dir.Trad. SALOMÃO, Jayme. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos (1920-1922). In: **Obras Completas**. Vol. XVIII. Dir.Trad. SALOMÃO, Jayme. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. A História do Movimento Psicanalítico, artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). In: **Obras Completas**. Vol. XIV. Dir.Trad. SALOMÃO, Jayme. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Um estudo Autobiográfico, Inibições, sintoma e ansiedade, A questão da análise leiga e Outros Trabalhos. In: **Obras Completas**. Vol. XX. Dir. Trad. SALOMÃO, Jayme. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. O futuro de uma ilusão. O mal estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931). In: **Obras Completas**. Vol. XXI. Trad. SALOMÃO, Jayme. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

GAZZOLA, Luís Renato. **Curso de Nosologia Psiquiátrica para estudantes de graduação em Psicologia**. UFMG apud mpjv@yahoo.com, pesquisa realizada em 07/05/2001

gior@fepesmig.br, colaboração enviada em 21/02/2001.

GUIMARÃES ROSA, João. **Sagarana**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

HOFFMAN, E.T.A. **Contos Fantásticos**. Trad. CAVALCANTI, Cláudia. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e Comunicação**. Trad. BLIKSTEIN, Isidoro e PAES, José Paulo. São Paulo: Cultrix, 1969.

joacarlos@bitsbytes.com.br, colaboração enviada em 25/02/2001.

LACAN, Jacques. **Las Formaciones Del Inconsciente**. Sel. MASOTTA, Oscar. Buenos Aires: Nova Vision, 1977.

_____. **Escritos**. Trad. RIBEIRO, Vera. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **O Seminário: Livro 1. Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)**. Trad. MILLAN, Betty. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

_____. **O Seminário: Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)**. Trad. PENOT, Christiane Laznik, com a colaboração de QUINET, Antônio. Rio Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

_____. **O Seminário: Livro 3. As Psicoses (1955-1956)**. Trad. MENEZES, Aluisio. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____. **O Seminário**: Livro 11. Os Quatro Conceitos fundamentais da Psicanálise (1964). Trad. MAGNO, M. D. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____. **O Seminário**: Os não-tolos erram (Les non-dupes errent) (1973-74). Livro 21 – Tradução veiculada em mimeo.

LEWIS, Carroll. **Alice in Wonderland and Through the Looking Glass**. New York, Grosset and Dunlap, s.d.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. In *Obra Completa*. Vol. I. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

MANONI, Octave. **Um espanto tão intenso**: (A Vergonha, o Riso, a Morte). Trad. CABRAL, Álvaro. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

MARISCAL, D. e BECKER, P. **LETRA FREUDIANA** – Escola, Psicanálise e Transmissão. Do Pai – O limite em Psicanálise. Rio de Janeiro: Revinter, nº 21, 1997, ano XVI.

martas@domain.com.br, colaboração enviada em 21/11/2000

MOLINA, Rubens. **Cadernos de Aula**. vol. I e II. Rio de Janeiro: Imago, 1988-89.

MONTEIRO LOBATO, J. B. **Prefácios e entrevistas**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

MORAES, Denise. Delicioso Mal-Entendido. In: Semconteúdo.com. Rio de Janeiro, 08 abr.2001, Domingo – Revista do **Jornal do Brasil**, Ano 25, nº. 1301.

MOREIRA, Ildeu de Castro. **O GLOBO**, Caderno Globinho. Ciência hoje das crianças. Rio de Janeiro, 12 nov.2000.

PONTES, Marcelo. **Jornal do Brasil**, Informe JB. Rio de Janeiro 18 out.1992, Primeiro Caderno.

PRADO, Eduardo (coord). **Cadernos de Psicanálise**: Humor. Ano 3, n. 5. Belo Horizonte: Taurus, 1984.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e Riso**. Trad. BERNARDINI, Aurora e ANDRADE, Homero de. São Paulo: Ática: 1992, p.31.

RAMOS, Graça. **Ironia à Brasileira**. São Paulo: Ed. Paulicéia, 1997.

RICHARDSON, Jarry & Colaboradores. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo. Atlas, 1985.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a psicanálise?** Trad. RIBEIRO, Vera. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SALIBA, Ana Maria Portugal Maia. A Tirania do Pai. **Revista Reverso**. Belo Horizonte, nº. 33, CPMG, 1992.

_____. **O desconforto de uma proposição**. (s/d - mimeo).

SAPIR, Edward. **A linguagem**. Trad. MATTOSO CÂMARA JUNIOR, J. São Paulo: Perspectiva, 1988.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: EDUSP, 1991.

SCLIAR, Moacyr (Sel.). **Do Éden ao Divã: Humor Judaico**. Trad. KALNICKI, A. MAZAR, M. E SPINDOLA, S. São Paulo: Shalom, 1990.

SEMPÉ. Humor. **REVISTA CARAS**. Rio de Janeiro, Editora Abril, no. 51, 22 dez.2000.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Santa Catarina: UFSC/PPGEP/LED, 2001.

SILVESTRE, Michel. **Amanhã, a Psicanálise**. Trad. ROITMAN, Ari. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

THAVES. Frank e Ernest. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 jan.2001, caderno B, 2ª. feira.

_____. Frank e Ernest. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 abr.2001, caderno B, 2ª. feira.

VASCONCELOS, Beatriz Palhano de Jesus de. **Só dói quando eu rio – Um estudo Psicanalítico sobre o Cômico, o Chiste e o Humor**. Monografia de conclusão de Curso apresentada à Faculdade de Psicologia da Universidade de Alfenas – UNIFENAS, 1993.

VERÍSSIMO, Érico. **Solo de Clarineta – Memórias**. vol.II. Porto Alegre: Globo, 1978.

VERÍSSIMO, L. F. e PAIVA, Miguel. As Cobras. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 02 fev.2001, caderno B, 2ª. feira.

VERÍSSIMO, L. F. As Cobras. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 jul.2001, caderno B, 2^a. feira.

VERNANT, Jean Pierre. **A morte nos olhos**. Trad. MARQUES, Clóvis. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

WERNECK, Norma. Alguns aspectos da perversão em Freud. **Falo - Revista Brasileira do Campo Freudiano**. Salvador, Fator, n^o. 4/5, 1991.

WILDE, Oscar. **A Esfinge e seus segredos**: Máximas e citações de Oscar Wilde. Trad.: ROLLEMBERG, Marcelo. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.

_____. **O melhor de Oscar Wilde**. Org. BECKSON, Karl. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

WILEY. Non Sequitur. **O GLOBO**, Caderno O Mundo, Rio de Janeiro, 16 set.1993.

_____. Non Sequitur. **O GLOBO**, Caderno O Mundo, Rio de Janeiro, 27 jan.2001.

ANEXO

Anexo 1: Apresentação da Defesa da Dissertação de Mestrado

As miniaturas dos slides apresentados durante a defesa poderão ser apreciadas a partir da página seguinte.



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção

Só dói quando eu rio

Um estudo Psicanalítico sobre o Cômico, o Chiste e o Humor

Beatriz Palhano de Jesus de Vasconcelos

Orientador: Dr. Francisco Antonio Pereira Fialho

Objetivos:

- **Objetivo Geral:**

Fornecer alguns substratos para pensar a produção do prazer relacionado ao riso, a partir, basicamente, dos textos de Freud e Lacan.

Objetivos específicos:

Continuação

- Relacionar riso e psicanálise;
- Articular a predominância do registro do imaginário na gênese do cômico;
- Destacar no chiste a predominância do simbólico;
- Enfatizar a proposta lacaniana do chiste como modelo do Inconsciente;
- Formalizar o humor como desafio ao real;
- Apresentar o humor como uma das formas de viver melhor e mais produtivamente na cultura em que o sujeito está inserido.

Introdução:

Humor como proposta para se viver melhor. Há sabedoria no riso.

- Este trabalho investiga os fatores que nos levam ao riso do ponto de vista psicanalítico.
- Isto significa trabalhar o riso como possibilidade de lidar melhor com o desamparo do sujeito, conforme o mito freudiano.

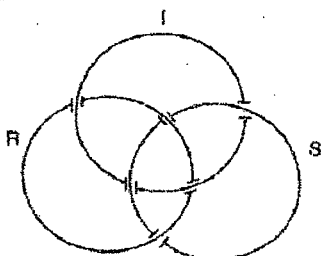
A releitura freudiana de Lacan propõe que o sujeito se estrutura a partir da imbricação de três registros:

R = REAL

I = IMAGINÁRIO

S = SIMBÓLICO

Representados na figura do nó borromeano



Esta dissertação aponta para um isomorfismo entre os três registros constituintes do sujeito e os três produtores do riso: o cômico, o chiste e o humor.

Introdução

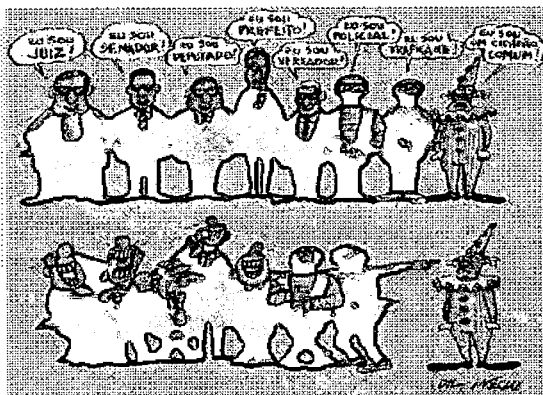
Continuação

- Isto significa que se vai realizar uma nova articulação: a dos conceitos de cômico, chiste e humor tal como estudou Freud, aos conceitos lacanianos de imaginário, simbólico e real, respectivamente.
- Resumindo:
 - cômico-imaginário;
 - chiste-simbólico;
 - humor-real.

O CÔMICO

- Na situação cômica há dois lugares: rir e ser objeto de riso. É sempre o riso de um grupo, conforme a anedota de Bergson.
- Quanto mais cheio o circo, mais se ri do palhaço: aos "mais iguais", o prazer, eles são da paróquia. Aos "menos iguais": palhaços, bobos, loucos, trapaceiros, poetas e desviantes, o desconforto.
- É uma relação narcísica e binária.
- É uma situação alienante porque há o pressuposto de uma superioridade em relação àquele de quem se ri: questão basicamente imaginária.

Cidadão Comum



O Cômico

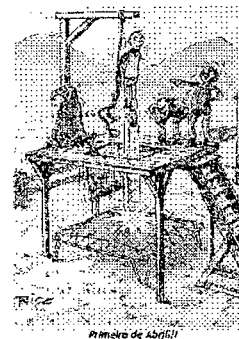
Continuação

- Retomando Freud, vale lembrar que toda idéia é composta de representação e afeto.
- O riso do cômico desqualifica o diferente, por isso, para ele acontecer é preciso que aquele que ri não esteja afetado: é um riso automático. O cômico anula o afeto.
- O cômico é, pois, constatado na imagem do outro.
- A questão do cômico é não criar questão.

O Cômico

Continuação

"Suporta-se com paciência a cólica do próximo" (Machado de Assis).



O CHISTE

- Diferentemente da relação binária, narcísica da situação cômica, o chiste pressupõe três lugares.
- É uma relação ternária e hierarquizada; o campo do simbólico.
- Um chiste é sempre sofisticado; ele apura e eleva a linguagem.
- Se o cômico se constata no outro, o chiste é produto de trabalho: o chiste se faz; o cômico se constata.

O Chiste

Continuação

- "Tantos anos o país se descuidou do meio ambiente que agora, se quiser salvar alguma coisa, vai ter de tratar do ambiente inteiro" (Millôr Fernandes).
- Há neste chiste uma agressividade tornada socialmente aceita. Ele mascara o afeto.
- Neste jogo de palavras há um drible na língua e uma volta ao sentido antigo. Mas algo do sentido sempre escapa. Por isso, é difícil explicar um chiste; na verdade, é impossível.

O Chiste

Continuação

- Lacan o considera modelo do Inconsciente.
- Freud afirma que “O chiste e o cômico distinguem-se em sua localização psíquica: pode-se dizer que o chiste é a contribuição feita ao cômico pelo domínio do inconsciente.”
- Vejamos o porquê:

O Chiste

Continuação

- O chiste precisa do riso da terceira pessoa para poder acontecer, por isso ele repete a situação de desamparo que funda o sujeito.
- Um chiste não entendido é um chiste abortado, é mortífero; é uma trombada no Real.
- Após ouvir um chiste, resta à terceira pessoa algo a mais, ou seja, um impulso a comunicar aquilo de que participou a mais alguém. Não é que ela saiba o que lhe aconteceu, e nem que deseje saber mais. É que é retomado o movimento do desejo que é o sucesso do Inconsciente.

O Chiste

Continuação

- Então, vamos ver se acontece um chiste? Estou na mão de vocês ...

Vocês conhecem a história do português que foi à Bolívia buscar coca?

O Chiste

Continuação

Trouxe Pepsi!

- Riu-se aqui de um drible na língua; por um momento nos libertamos das amarras do sentido, mas a ele voltamos ...
- Na verdade, o que um chiste subverte é que só dói mesmo quando se ri...
- Por isso Freud o chama de velhaco hipócrita, servidor a um só tempo de dois amos.

O HUMOR

- Se o cômico diz respeito a duas pessoas e o chiste a três, o humor é solitário. Ele opera em uma só pessoa. É uma atitude perante a vida.
- O humorista é corajoso: tem uma idéia de como o mundo deveria ser e de como as coisas não correspondem a essa idéia que ele tem.
- Então ele goza essa falta sem denegar o afeto.

O Humor

Continuação



O Humor

Continuação

- O humor é um meio de se obter o prazer apesar dos afetos dolorosos que interferem com ele. Ex.: o caso da cabana do irmão de Mark Twain.
- Por isso Freud vai valorizar o que ele chama de "humor da força", que nós conhecemos com o nome de humor negro, como bem o ilustra a coragem do condenado à morte que, a caminho da forca, pede um lenço para proteger o pescoço do resfriado que o frio da manhã poderia causar ...
- Nota-se, pois, que o humor não precisa ser politicamente correto ...

O Humor

Continuação

Olha o aviõozinho!



<http://www.hook.com.br/Humor.htm>

O Humor

Continuação

- Aqui vale lembrar que a psicanálise substitui o conceito de doença pelo de defesa. Trata-se da forma pela qual o sujeito se estrutura para se defender de uma idéia intolerável, do trauma, ou do Real.
- Na clínica psicanalítica se lida, por isso, com três hipóteses defensivas: neurose, psicose e perversão.
- Freud considera o humor um dos mais altos e nobres processos defensivos, no mesmo nível da arte.

O Humor

Continuação

Só dói quando eu rio.



<http://humor.pagina.fr/reservoi.s.com>

CONCLUSÃO

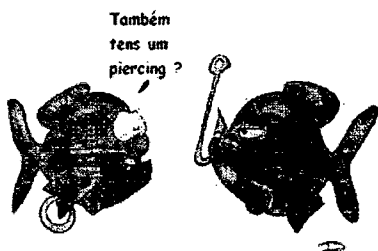
- Que se possa rir sempre que possível é a aposta e a proposta desta dissertação.
- Parece que é difícil se perceber que ser feliz não é um dever, como prega a ideologia dos tempos atuais.
- Ser feliz é, na verdade, um direito do ser humano e isto faz toda a diferença.

Conclusão

Continuação

- Freud já dizia que a felicidade, no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia psíquica do sujeito. Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem que descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo.

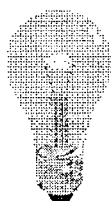
**Sem prescindir do cômico
(imaginário)**



**Sem prescindir do chiste
(simbólico)**

**Quantos psicanalistas
lacanianos são necessários para
se trocar uma lâmpada?**

Continuação



Um só...

**... mas a lâmpada tem
que desejar ser trocada!**

**Que se busque cada vez mais o humor:
(Enfrentando o Real, sem abrir mão do gozo)**

**Que fique pois o humor com a
penúltima palavra ...**



Vaca.exe

**"Há uma idade em que se ensina o que se sabe, mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia, Sapientia: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível".
(Roland Barthes)**

Que se busque cada vez mais o humor:

Agora uma última palavra:

- **Este trabalho é dedicado àqueles que sabem, ensinam e compartilham do sabor do saber.**

- **Este trabalho também aposta e espera que se descubra que o humor pode vir a ser um dos mais refinados sabores do saber!**

Fim.